



RELIGAR

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DE MONOGRAFIAS
DIGITAIS NO BANCO DE DADOS DA UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE
CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS

Eu, Bruno Pimentel Lopes,

Na qualidade de titular dos direitos de autor que recaem sobre a minha monografia de conclusão de curso, intitulada Circuito Cultural RELIGAR na cidade de Anápolis defendida em 18/03/2022, junto a banca examinadora do curso com fundamento nas disposições da lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, autorizo a disponibilizar gratuitamente a obra citada, sem ressarcimento de direitos autorais, para fins de leitura, impressão e/ou *downloading* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade Estadual de Goiás / Unidade Universitária de Ciências Exatas e Tecnológicas, a partir desta data.

- autorizo texto completo
 autorizo parcial (resumo)

Assim, autorizo a liberação total ou resumo de meu trabalho, estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de minha inteira responsabilidade.

Anápolis, 04 de março de 2022.

Assinatura do (a) autor (a):

Bruno Pimentel Lopes

Assinatura do (a) Orientador (a):

Ludmila Rodrigues Morais

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
ARQUITETURA E URBANISMO

CIRCUITO CULTURAL - RELIGAR
Bruno Pimentel Lopes

Orientadora: Ludmila Rodrigues Morais

Anápolis, 2021.



Fig. 01: Integrantes do Grupo Folclórico Brasil Central (GFBC) – Apresentação no Festival Nacional do Folclore de Olímpia (SP), 2017. Fonte: Arquivo GFBC.

O presente trabalho por abordar uma temática com grande abrangência e profundidade, desenvolvendo-se pela relevância do tema com dados reais e vasto referencial teórico específico, visando a transmissão de conteúdo de qualidade, fez-se necessário a utilização de uma quantidade maior de folhas normalizadas pelo regulamento interno do TFGR do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás.

AGRADECIMENTOS

Aos amigos e familiares que acompanharam, apoiaram e incentivaram os altos e baixos dessa trajetória, às políticas públicas que permitiram que eu ingressasse em uma universidade pública, a professora Ludmila por me acolher e sempre acreditar nesse trabalho e em seus alunos, ao Grupo Folclórico Brasil Central por ser um dos principais motivos da minha escolha pelo curso de Arquitetura e Urbanismo e por finalizar esse ciclo com esse trabalho, comigo do início ao fim até este momento.



LISTA DE SIGLAS

APP – Área de Preservação Permanente

GFBC – Grupo Folclórico Brasil Central

IBEG – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial da Saúde

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

UEG – Universidade Estadual de Goiás

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Título: Em qual região do país você nasceu? Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Gráfico 02: Título: Qual seu nível de conhecimento em relação a cultura goiana? Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Gráfico 03: Título: Você tem interesse em conhecer mais sobre a cultura goiana? Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Gráfico 04: Título: Pagaria para assistir a uma apresentação folclórica sobre outros países? Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Gráfico 05: Título: Pagaria o mesma quantia para assistir a uma apresentação folclórica sobre a cultura goiana? Fonte: Desenvolvido pelo autor.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Pré dimensionamento do programa proposto para o Pavilhão Santana das Antas. Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Tabela 02: Pré dimensionamento do programa proposto para o Pavilhão Goyazes. Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Tabela 03: Pré dimensionamento do programa proposto para o Centro de Memória e Cultura – RELIGAR. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2021.

Fig. 02: Grupo Folclórico Brasil Central (GFBC) – Apresentação no Rio Quente Resorts (GO), 2018. Fonte: Arquivo GFBC.

SUMÁRIO

1. Introdução

- 1.1. Justificativa
- 1.2. Objetivo
- 1.3. Metodologia

2. A construção do hoje

- 2.1. Caminhos até Goiás
- 2.2. E a cultura goiana?
- 2.3. Memória e história
- 2.4. Santana das Antas atual

3. Significados do lugar

- 3.1. O macro
- 3.2. O micro
- 3.3. Análises e influências

4. Estudos de caso

- 4.1. Pavilhão da Espanha
- 4.2. #Tuiteratura
- 4.3. Centro Cultural ADUnB

5. Circuito Cultural RELIGAR

- 5.1. Inícios
- 5.2. Programa de necessidades
- 5.3. Pavilhão Santana
- 5.4. Pavilhão Goyazes
- 5.5. Centro de Memória e Cultura (RELIGAR)

6. Referências

- Bibliografia consultada
- Apêndice A



Fig. 03: Apresentação do Grupo Folclórico Brasil Central (GFBC) no Festival Internacional de Nova Petrópolis (RS), 2016. Fonte: Arquivo GFBC.

- 1.1. Justificativa
- 1.2. Objetivo
- 1.3. Metodologia

1. INTRODUÇÃO

1. Introdução

Ao longo do ano nos deparamos com diversos eventos e atividades de cunho cultural em todos os âmbitos, onde, principalmente na fase infantil, esses recursos são alimentados, porém, com o passar do tempo normalizamos o afastamento das pessoas para com essas atividades, chegando na fase adulta sem muito contato ou interesse pelas manifestações culturais.

“Antes de uma criança começar a falar, ela canta. Antes de escrever, ela desenha. No momento que consegue ficar de pé, ela dança. Arte é fundamental para a expressão humana.” Uma reflexão importante levantada pela atriz, cantora e diretora americana, Phylicia Rashad. Onde relacionamos com a fase mais espontânea para a expressão da cultura e arte de modo geral, que acontece de forma natural, orgânica e quase imperceptível, que é a infância.

Dessa forma, nota-se que o afastamento das atividades culturais e/ou artísticas se dá de forma homeopática durante o desenvolvimento da criança que não necessariamente deixa de gostar de arte, música, dança, teatro ou cultura, ela simplesmente não é mais motivada a consumir essas atividades ao longo dos anos, seja em casa, na escola, nas redes sociais ou

pelo próprio poder público.

É inegável o descaso para com a cultura na atual realidade brasileira, ultrapassar essa barreira construída ao longo dos anos é uma atividade exaustiva, uma vez que não se tem o incentivo necessário para a propagação da mesma. Nesse sentido, é significativa a participação e mobilização dos pais ou responsáveis, bem como de iniciativas públicas para estreitar as relações entre criança e cultura, tal qual dos próprios responsáveis para consumir essas atividades artísticas e disseminar os saberes, dizeres e fazeres que construíram a sociedade na qual se está inserido, a fim de estreitar as relações e contato com a arte e cultura.

Para além da aproximação das relações interpessoais, as atividades culturais podem auxiliar no desenvolvimento humano social, bem como resgatar a criança dentro de cada um, preservando a memória cultural daquele lugar, além de criar novas memórias afetivas.

1.1. Justificativa

A escolha do tema parte da importância de preservação e disseminação da cultura goiana como importante veículo de conhecimento e desenvolvimento social, abordado e implantado na arquitetura e urbanismo como uma atividade acadêmica que pode oferecer à sociedade uma nova visão de valorização da sua própria cultura e

.interação com a mesma, a começar pelas experiências que os espaços destinados a essas atividades podem proporcionar aos usuários, bem como à cidade enquanto território constantemente construído e modificado pelas relações humanas.

A partir dessas questões e preocupações levantadas, procurou-se identificar movimentos culturais presentes na cidade de Anápolis e como eles se estabelecem e se propagam atualmente, evidenciando espaços e atividades sociais, principalmente públicos, necessários para todos que incentivassem as relações interculturais.

1.2. Objetivo

As intenções deste trabalho partem da compreensão e possíveis alternativas para apoio e incentivo da cultura já produzida na cidade de Anápolis, dentro e fora das escolas artísticas, bem como o fomento da mesma. Buscando potencializar as relações entre usuário e espaço edificado ou não edificado e encarando o circuito como um importante corredor cultural para a cidade e seus habitantes de toda e qualquer idade.

As exposições interativas se apoiam na ligação direta com o imaginário dos visitantes e permitem uma absorção mais prazerosa e tranquila que auxilia no processo de despertar interesse pelas práticas culturais. Importantes aspectos para

a propagação da cultura local, com grande incentivo aos fazedores dessa cultura em continuar aplicado e repassando seus saberes, dizeres e fazeres.

1.3. Metodologia e estrutura do trabalho

A pesquisa envolve diversos estudos do cenário cultural mundial, brasileiro, goiano e, por fim, anapolino. Do macro ao micro, onde alguns não apontam dados muito positivos em relação as condições de se fazer, fomentar, e incentivar atividades culturais.

O trabalho referencia-se em fontes bibliográficas, entrevistas aos fazedores de cultura na cidade de Anápolis que convivem dentro dessa realidade, as legislações municipais e estaduais, obras arquitetônicas e exposições interativas, bem como estudos e diagnóstico dos lugares propostos para o corredor cultural na intenção de se propor um circuito cultural com a premissa de **RELIGAR** a sociedade às suas origens, interrompendo o ciclo repetitivo do desinteresse pelas práticas culturais.

“

Esse é meu país
sem comparação
Já tem o formato
do coração
Todo canto é lindo
pra mim tanto faz
Quando eu quero
mais, eu vou pra
goiás.

Bruno e Marrone,
1995.

- 2.1. Caminhos até Goiás
- 2.2. E a cultura goiana?
- 2.3. Memória e história
- 2.4. Santana das Antas atual

2. A CONSTRUÇÃO DO HOJE

2.1. Caminhos até Goiás

A formação do território goiano é semelhante a história de diversas cidades brasileiras. Segundo o site oficial do Governo de Goiás, a história do estado tem início no final do século XVII com a procura pelo ouro, onde diversas bandeiras foram organizadas para adentrar e explorar o território até então desconhecido pelos colonizadores.

Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera (“diabo velho” na língua tupi, dos índios nativos brasileiros) foi um líder bandeirante que se fixou na região central da província de São Paulo (figura 04) após já ter ido até o local e obrigar os índios da etnia Goyá ou Goyazes a mostrarem onde encontraram o ouro que estavam usando como adorno. Logo após “encontrarem” cinco córregos auríferos – minas tão ricas quanto as de Cuiabá – se instalaram na região do Rio Vermelho, onde fundaram o Arraial de Sant’Ana, posteriormente nomeado como Cidade de Goiás, e começaram as ocupações do território de forma irregular e instável. Tal divulgação das minas recém encontradas atraiu pessoas dos quatro cantos do país.

Tempos depois, com a chegada das estradas de ferro na região, mais pessoas foram atraídas ao local, principalmente estrangeiros como: italianos, espanhóis, japoneses, alemães, poloneses e libaneses, além dos portugueses que tiveram papel importante na formação e construção do que



Fig. 04: Mapa do Brasil no início do século XVIII no período da exploração aurífera e começo da ruralização de Goiás ainda como província de São Paulo 1709. Fonte: Modificado pelo autor a partir dos mapas disponíveis em: <https://atlas.fgv.br/marcos/crise-do-sistema-colonial/mapas/divisao-administrativa-da-colonia-no-fim-do-seculo-18>



Fig. 05: Mapa do Brasil do final século XVIII e começo do século XIX no período da exploração das atividades pecuária, agrícola e começo da construção de ferrovias da província de Goiás. Fonte: Modificado pelo autor a partir dos mapas disponíveis em: <https://atlas.fgv.br/marcos/crise-do-sistema-colonial/mapas/divisao-administrativa-da-colonia-no-fim-do-seculo-18>

mais tarde se tornou Goyaz (figura 05).

Após a decadência da extração de ouro em Goiás e a queda da economia do estado, os goianos se viram obrigados a regressar a uma cultura rural como forma de subsistência. Entretanto, o desenvolvimento do estado de forma gradual, se deu principalmente pela agricultura que, ao longo das décadas, impulsionou e transformou tal região que ainda nos dias atuais é um dos principais polos agropecuários do país.

1940

Alguns fatores foram pontuais para o crescimento de Goiás na década de 1940, como a construção de Goiânia e a “Marcha para o Oeste”, campanha nacional com o intuito de integração do interior do Brasil com as regiões litorâneas, por meio de rodovias.

1950

A Construção da nova capital do país, na metade da década de 1950, foi o marco do projeto de desenvolvimento econômico para o Brasil e promoveu um ritmo acelerado ao progresso do estado de Goiás.

1960

Com novas dinâmicas de desenvolvimento, Goiás passa a ser um dos principais exportadores de commodities agropecuárias, o que acarretou em sua rápida industrialização.

1970

A vocação natural e espontânea do estado à agricultura na década de 1970, enfatizou a necessidade de modernização agrícola e possibilitou a ampliação do setor industrial e exportações.

1980

Seguindo o desenvolvimento do setor agroindustrial, o setor público teve um papel importante para a estruturação das atividades agrícolas. No final da década de 1980, em meio a tantas transformações, o norte do estado é desmembrado, originando o estado do Tocantins (figura 03).

1990

Nesse período a diversificação econômica se deu pela diversificação industrial com a implementação de produtos químicos, farmacêuticos, produção de etanol, entre outros. O que ocasionou uma remodelação da população no território, com um intenso êxodo rural.



Fig. 06: Mapa do Brasil após a separação do estado de Goiás, originando o novo estado do Tocantins em 1988. Fonte: Modificado pelo autor a partir do mapas disponível em: <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portaal.php#mapa165>

Historicamente o estado de Goiás sempre voltou seus esforços para sua vocação natural destacada anteriormente, a agricultura. O que afetou de diferentes formas seu cenário cultural ao longo das décadas.

A diversidade de culturas as quais contribuíram à formação do estado de Goiás permitiu que aqui fosse gerada outras ramificações dessas culturas, onde se construiu uma identidade significativa e própria do estado. Inicialmente uma “colcha de retalhos” muito bem costurada que ao longo dos anos foi-se tornando única, conhecida e reconhecida nacionalmente pelas suas diversas manifestações populares, usando principalmente o espaço público com elemento de valorização da cidadania, religiosidade e cultura.

2.2. E a cultura Goiana?

Ao longo da história, a cultura goiana foi sendo construída a partir da influência de diversas outras culturas, como europeia, africana e indígena. Essa enorme diversidade e riqueza cultural, está sendo cada vez mais esquecida com o passar do tempo. O grande interesse em culturas estrangeiras, principalmente norte-americanas, é um dos fatores geradores do processo de desinteresse pela cultura local de países como o Brasil.

No estado de Goiás especificamente, o sertanejo universitário, que segue uma corrente contemporânea da música country, se estabeleceu hoje como um dos principais estilos musicais ouvidos no país, principalmente em Goiás, onde já havia uma forte presença de tal musicalidade. Adultos e crianças, das mais variadas idades, cantam diariamente diversos sucessos do sertanejo universitário, elevando Goiás a categoria de capital do sertanejo.

MAS E AS RAÍZES GOIANAS?

Quando perguntamos sobre as origens da cultura e/ou folclore goiano, o silêncio e o “não conheço” são respostas frequentes vindas de uma população despreparada e desinteressada em relação ao conhecimento de suas próprias origens locais ou regionais.

É inegável o descaso para com a cultura local, a tendência do esquecimento das tradições culturais e folclóricas é crescente. Estamos acostumados a deixar histórias morrerem diariamente, desde a ausência de investimentos para o controle e preservação de patrimônio históricos, até a falta de incentivo por parte dos pais de passarem para seus filhos as brincadeiras, cantigas, danças culturais e folclóricas.

Vivemos em uma sociedade onde se desvaloriza a cultura de modo geral. Segundo Ana Mae, educadora e uma das principais referências brasileiras em arte-educação, “somos um povo colonizado que gosta de ser colonizado. Não consegue reconhecer e valorizar a produção do nosso próprio povo e desqualifica a teoria e ciência que vem sendo produzida no Brasil” (ANA, 2018).

Valorizar a cultura e o folclore não é algo que deveria ser feito apenas por grupos criados com esse intuito. Diante de tais reflexões expostas, pode-se notar a ausência de importância que se tem dado a essas representações, tornando assim, ainda mais importante o trabalho dos que lutam em pró da preservação e propagação das atividades culturais e o reconhecimento delas.

Dessa forma, cultura, arte, folclore e educação, se entrelaçam em um modo de viver e sentir o mundo, conceitos diferentes que abrangem coisas distintas, mas que se

encontram dentro um do outro, ou em alguns momentos, inteiramente um só.

“Não podemos falar de arte se não falar da cultura que produziu essa arte, não podemos educar sem fazer emergir a cultura, sem trabalhar criticamente a cultura que você está imerso, também não podemos ter educação sem arte [...] arte está em tudo, então é impossível educar alguém sem procurar despertar a consciência da arte ao redor.” (ANA, 2018).

Tal iniciativa tem tamanha importância, pois o Brasil como um todo apresenta grandes números de desinteresse quando o assunto é cultura, mesmo com a diversidade cultural do país sendo reconhecida e prestigiada em todo o mundo. Um estudo realizado pelo IPHAN (2010), afirma que 70% das cidades do estado do Rio de Janeiro possuíam exposições artísticas, enquanto isso, cerca de 72% das cidades

brasileiras não possuíam nenhuma exposição. A distribuição desigual das atividades culturais gera o grande desinteresse da população, sendo cerca de 70% dos brasileiros afirmando não frequentar atividades culturais por acreditar que essas atividades ou esse tipo de entretenimento não corresponde com seus gostos. Isso aponta o quanto o próprio desinteresse pode estar virando uma cultura enraizada em meio aos brasileiros que não consomem, preservam ou propagam tais costumes e memórias. Somente aumentar as ofertas de entretenimento cultural ou o número de espaços destinados a essas atividades não é o suficiente para mudar essas perspectivas negativas, deve-se também fomentar na população o desejo de estarem nesses espaços, consumirem essas atividades e propagarem a memória e cultura local.

Fig. 07: Apresentação do Grupo Folclórico Brasil Central (GFBC) no Festival Internacional de Nova Petrópolis (RS), 2013. Fonte: Arquivo GFBC.



Uma pesquisa realizada no segundo semestre de 2018 a respeito da cultura goiana, foi divulgado, sobretudo, nos grupos de alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da UEG e seus familiares, um pequeno questionário online intitulado **“E A CULTURA GOIANA?”**, com a finalidade de observar o que era pensado principalmente entre os jovens e estudantes sobre o quanto se interessavam pela própria cultura ou pela cultura em que estão inseridos.

Essa simbólica pesquisa temática contou com a participação de pouco mais de 100 pessoas entre 16 a 49 anos. No início do questionário foi perguntado dados básicos sobre o indivíduo a fim de se ter uma margem de quantas pessoas nasceram ou residem em Goiás e quantas vieram de outros estados e qual a relação do conhecimento sobre a cultura goiana entre esses grupos, onde cerca de 70% dos colaboradores tinham de 18 a 22 anos.

Observamos no gráfico 1 que cerca de 90% dos participantes são goianos, porém apenas 30% dos participantes se consideram com um bom conhecimento sobre a região estudada, como mostra no gráfico 2.

Os primeiros resultado já reforçam as problemáticas e reflexões citadas anteriormente, bem como a real preocupação em despertar o interesse de consumo cultural da população. De acordo

GRÁFICO 01.
EM QUAL ESTADO DO PAÍS VOCÊ NASCEU?

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

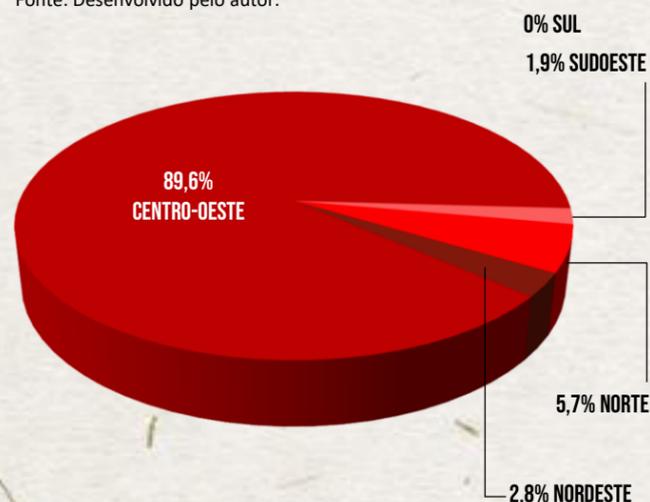


GRÁFICO 02.
QUAL SEU NÍVEL DE CONHECIMENTO EM RELAÇÃO À CULTURA GOIANA?

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

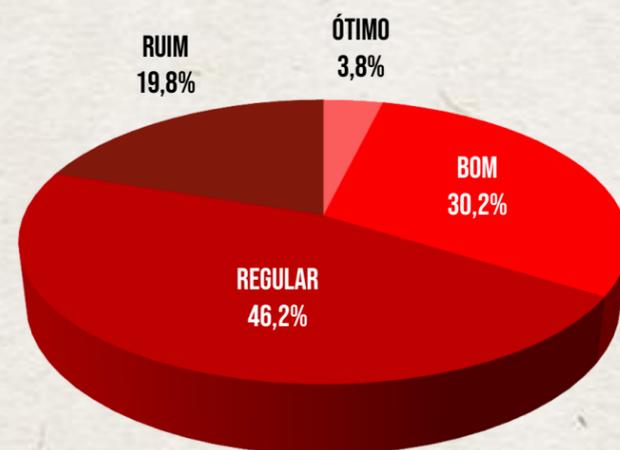
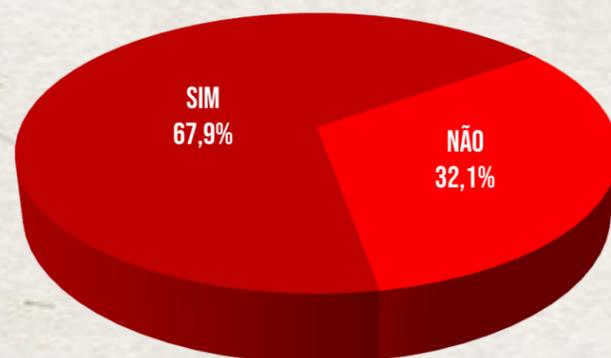


GRÁFICO 03.
VOCÊ TEM INTERESSE EM CONHECER MAIS SOBRE A CULTURA GOIANA?

Fonte: Desenvolvido pelo autor.



com o gráfico 3, cerca de 67% dos entrevistados tem o interesse em conhecer mais sobre a cultura goiana, um ponto positivo mesmo sem o devido incentivo para essas atividades.

A falta de incentivo e informação por parte da população que também não é incentivada e informatizada, mostra a situação de negligência que a cultura popular acaba automaticamente sendo submetida. Em contrapartida a cultura comercial, como o sertanejo universitário, se alastra pelo país onde é extremamente consumida e propagada, ganhando cada vez mais espaço na mídia atual. É quase contraditório a forma como tal estilo musical é tão consumido atualmente e em contrapartida, suas origens como o sertanejo raiz e a moda de viola, serem gradativamente deixados de lado ou vistos como algo pejorativo.

No formulário, cerca de 68% dos participantes responderam que conhecem músicas goianas, mas apenas 10 respostas atentaram à música raiz.

A globalização crescente tem forte efeito sobre a maior parte da população brasileira, de forma negativa, onde as pessoas começaram a almejar e consumir o estrangeiro – produtos, costumes, culturas, dentro outros – rebaixando e/ou negligenciando grande parte do que é nacional e de fácil acesso. Outra contradição

dos tempos atuais que gera grande impacto principalmente na cultura. Uma parte do formulário foi dedicada a tal problemática, onde os entrevistados teriam que responder se pagariam para assistir a um espetáculo cultural de algum país, e logo depois, se pagariam o mesmo valor para assistir um espetáculo cultural goiano, como podemos observar nos gráficos 4 e 5.

A preocupação se dá não pela valorização dessa cultura de outros países, mas sim pela desvalorização da cultura popular brasileira e principalmente, da cultura popular goiana.

GRÁFICO 04.
PAGARIA PARA ASSISTIR A UMA APRESENTAÇÃO FOLCLÓRICA SOBRE A CULTURA DE OUTROS PAÍSES?

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

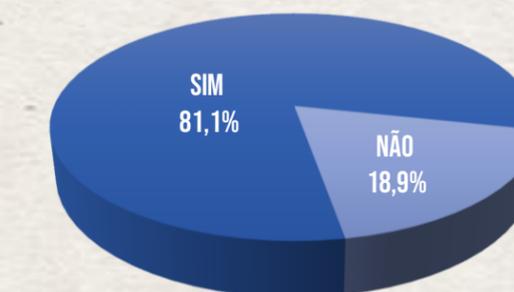
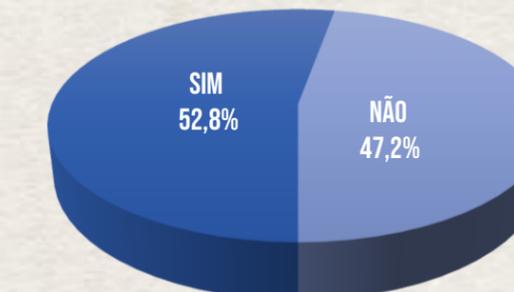


GRÁFICO 05.
PAGARIA O MESMA QUANTIA PARA ASSISTIR A UMA APRESENTAÇÃO FOLCLÓRICA SOBRE A CULTURA GOIANA?

Fonte: Desenvolvido pelo autor.



Ao final do questionário foi perguntado aos participantes qual a visão deles sobre o questionário aplicado, uma resposta anônima chamou a atenção em particular: “achei legal, embora a pergunta seja extremamente inválida, claro que pagaríamos mais por uma apresentação de um grupo de fora, ou de culturas brasileiras de regiões mais interessantes.”

A partir dessa afirmação percebe-se que algumas problemáticas impostas culturalmente em grande parte da população, onde o próprio desinteresse se torna uma cultura enraizada nas pessoas.

Dentro desse aspecto podemos destacar dois conceitos, que, segundo Canclini (2004), costumam se confundir:

DIFERENÇA E DESIGUALDADE.

Embora os termos estejam quase sempre intrinsecamente relacionados, a desigualdade está atrelada a desigualdade sócio-econômica, já a diferença transparece nas práticas culturais (Canclini, 2004).

Um dos principais exemplos brasileiros relacionados a essa questão foi o intenso fluxo migratório nordestino para os grandes centros das cidades do centro-sul brasileiro. Com a chegada dos migrantes, já possuindo sua própria identidade cultural e suas bagagens emocionais, surgiram conflitos em relação a diferença da cultura urbana do centro-sul. Esses grupos de migrantes

nordestinos foram tratados de forma desigual e xenofóbica pelas pessoas e culturas dominantes já presentes nessas cidades, onde se via apenas a mão de obra desqualificada e portanto barata, mesmo sendo grandes contribuintes para o desenvolvimento acelerado dessas regiões, ou até mesmo por esse motivo.

(VASCONCELOS, 2015). Usando a **DIFERENÇA** para justificar a **DESIGUALDADE**.

Como no comentário deixado ao final do questionário apontando “culturas brasileiras de regiões mais interessantes”, é de responsabilidade pessoal e coletiva o uso consciente desses saberes, compreendendo que a diferenciação cultural não é necessariamente negativa, ela classifica cada cultura e suas particularidades, com o intuito de preservar os aspectos positivos e diferenças de cada uma, sem discriminação de serem ou não primitivas.

Entretanto essas interfaces culturais conflituosas, permitiram uma certa permeabilidade entre esses grupos culturais a partir da sua convivência, gerando uma nova identidade nacional.

“A construção da identidade brasileira se deu principalmente através da valorização da cultura nacional e particularmente através da música popular: o grande sucesso da música nordestina que se inicia desde a década de 40 com Luiz Gonzaga na Rádio Nacional, passou por ciclos de

sucesso e permanece até hoje como fenômeno de mercado como o forró universitário e os grupos de forró espetacularizados. No que diz respeito à contribuição da cultura negra na construção da identidade nacional é fundamental destacar a eleição do samba como símbolo da cultura brasileira, passando a representar a mesma tanto no Brasil como no exterior.” (VASCONCELOS, 2015).

Carlos Rodrigues Brandão (1982) conta que certa vez em Pirenópolis, se deparou um búlgaro que lhe disse sua opinião sobre os eventos que ocorriam na cidade, o turista relatou que apesar de parecer diversão, assim como na Bulgária, essas manifestações são feitas para que as pessoas não se esqueçam quem são e como chegaram a ser, sobre isso Brandão afirma:

“Qualquer que seja o tipo de mundo social onde exista, o folclore é sempre uma fala. É uma linguagem que o uso torna coletiva. O folclore são símbolos. Através dele as pessoas dizem e querem dizer. A mulher poteira que desenha flores no pote de barro que queima no forno do fundo do quintal sabe disso. Potes servem para guardar símbolos. Servem para guardar a memória de quem fez, de quem bebe a água e de quem, vendo as flores, lembra de onde veio. E quem é. Por isso há potes com flores, Folias de Santos Reis e flores bordadas em saias de camponesas.” (BRANDÃO, 1982, p.107).

Parte da esperança desse trabalho de preservação e disseminação da cultura, é alimentado pelas perspectivas de um futuro mais respeitoso para com as questões culturais.

Fig. 08: Apresentação do Grupo Folclórico Brasil Central (GFBC) no Festival Internacional de Nova Petrópolis (RS), 2015. Fonte: Arquivo GFBC.



2.3. Memória e História

O conceito de cultura abrange vários e diferentes aspectos. Cultura, de uma forma geral, pode ser entendida como a manifestação dos hábitos, costumes e ações de um grupo populacional ou mesmo familiar. A cultura está intimamente ligada ao sistema de representação, de significados e de valores que criam identidade e a memória de um povo a partir do reconhecimento de suas tradições, festas, ritos, símbolos e sociabilidade (ZANATTA, 2008, PELÁ, 2008).

E quanto ao valor educativo da cultura ou folclore? As crianças, jovens e adultos de fato aprendem algo com as brincadeiras, cantigas, lendas e contos?

Essa problemática foi levantada inicialmente pelo escritor Florestan Fernandes (2003), onde o mesmo aponta que ao participar de uma brincadeira, roda de conversas ou interação, a criança começa a despertar um sistema de ideias, sentimentos e valores, se preparando para a vida e amadurecendo, construindo a ideia de “ser social”, viver em sociedade a lidar com as pluralidades, multiculturas existentes. Também aponta a dimensão pedagógica do folclore, que a partir desse contato a criança adquire experiências e possibilidades de atuação social que aumentam a suas possibilidades de ajustamento ao meio social.

Para Candau (2000), compreender o que é cultura durante a alfabetização mudaria a perspectiva de como se relacionar com ela futuramente. A inserção de iniciativas culturais em escolas, é uma alternativa viável que poderia mudar essa realidade, aproximando crianças e adolescentes de suas origens nessa iniciativa cultural, a fim de preservar e disseminar a cultura e folclore goiano.

De acordo com Guimarães (2002) a importância de trabalhar o folclore nas escolas se dá inicialmente pela diversão nas atividades básicas folclóricas, como os jogos, brinquedos e brincadeiras, tais iniciativas contribuem para o desenvolvimento físico, motor, emocional e social do indivíduo, servindo também como um laboratório onde se compreende e pratica as regras da sociedade a qual se vive e para qual, segundo o autor, se deve apresentar uma parcela de contribuição.

A cultura de um povo reflete diretamente em quem são ou mesmo como vivem, ela significa suas histórias e influências, preserva-la demonstra entre diversas coisas, o respeito que se tem com o seu passado e do outro, afinal é através dela que se pode ser conhecida a rica diferença entre os seres humanos.

“Velhas canções ditas à beira da mesa ou da fogueira; danças de aldeia em

festas de casamento; brincadeiras típicas de crianças; ritos coletivos da religião popular; o jeito original de entalhar a madeira ou de pintar potes de barro; os mitos que o avô sabe e conta ao neto, os anônimos poemas épicos que narram de casa em casa as histórias dos heróis imaginários, quando era difícil contar na escola a história dos heróis verdadeiros; a sabedoria camponesa dos segredos de lidar com a terra; as flores bordadas nas blusas das mulheres; o rodado peculiar das saias; a faixa que os rapazes amarram na cintura; o jeito de prender na cabeça um lenço. Saias, lenços, canções e lendas. A “alma de um povo”, como se diz às vezes, existia nas coisas mais simples, mais caseiras, mais antigas. Coisas da vida.” (BRANDÃO, 1982, p.9).

A interculturalização é um termo que ganhou maior dimensão nos últimos anos, abrangendo não só o contexto educacional, mas também referindo-se as práticas culturais e políticas públicas, usado para descrever “o potencial criativo e vital resultante da relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos” (FLEURI, 2005), ou seja, a convivência democrática entre culturas distintas que buscam a integração entre si, sem anular suas diversidades.

Segundo Ana “a intercultura vai além, eu tenho a minha cultura, mas eu posso almejar trabalhar com a sua. É essa inter-relação de culturas que cria novos horizontes para juventude” (ANA, 2018).

Através de tais meios é perceptível a importância da arte – não só no folclore ou cultura, mas em sua amplitude, no desenvolvimento social e criativo das crianças e jovens, nos meios de representação e preservação das manifestações culturais, nas bagagens emocionais que cada indivíduo carregará dentro de si, levando consigo à vida toda. Possibilitando tanto o resgate e disseminação da cultura goiana quanto a interação entre outras culturas, gerando essa interculturalização da arte criada a partir da cultura daquele povo ou indivíduo.

Fig. 09: Apresentação Farricocos do Grupo Folclórico Brasil Central (GFBC) no Festival Internacional de Nova Petrópolis (RS), 2015. Fonte: Arquivo GFBC.



2.4. Santana das Antas atual

Há diversos meios para se valorizar a cultura de modo geral, ter acesso a isso ainda é um problema de informação e busca por ela. Para Candau (2000), compreender o que é cultura durante a alfabetização mudaria a perspectiva de como se relacionar com ela futuramente. Sendo uma das alternativas mais atraentes, pois é na educação primária que se molda grande parte dos interesses futuros das crianças, além de facilitar o contato da mesma com a cultura de sua região/país, não apenas dando foco nas principais figuras folclóricas (Curupira, Saci Pererê, entre outras), mas sim aprofundando nas particularidades de cada região, principalmente na que se está inserido, gerando maior interesse da população para com a cultura.

Atualmente artistas, organizações culturais, grupos folclóricos – dentre outros – procuram se estabelecer com o auxílio da Lei Rouanet (Lei 8.313/91), também se apoiam em leis de renúncia fiscal, estaduais e municipais. No caso de Goiás a Lei Goyazes, que de acordo com o site da secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte (SEDUCE) foi publicada em 16 de maio do ano de 2000, instituindo o Programa Estadual de Incentivo à Cultura – Goyazes (Lei nº 13.613), que determina que são objetivos do Programa Goyazes: preservar e divulgar o patrimônio cultural, histórico e artístico do Estado; incentivar e apoiar a produção cultural e artística relevante para o Estado de Goiás; democratizar o acesso à cultura e o pleno exercício dos direitos culturais,

Fig. 10: Integrantes do Grupo Folclórico Brasil Central (GFBC) – Apresentação no Festival Nacional do Folclore de Olímpia (SP), 2017. Fonte: Arquivo GFBC.



garantindo a diversidade cultural, incentivar e apoiar a formação cultural e artística (figura 10).

Outro recurso importante é a Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural que foi criada pelo governo federal com o objetivo de auxiliar trabalhadoras e trabalhadores da Cultura, bem como os espaços culturais brasileiros, no período de isolamento social, ocasionado pela pandemia da Covid-19, beneficiando mais de 1.500 projetos, a maioria deles já estão sendo executados.

Em entrevista com Ana Queiroz, professora de interpretação na Escola de Teatro de Anápolis, ela relata o panorama cultural anapolino na década de 1980, quando iniciou sua carreira cultural na cidade de Anápolis, onde já havia um movimento artístico produzido pela “velha guarda” com um grupo de teatro, em um circo operário onde eram feitos saraus e apresentações no Museu Histórico de Anápolis, que despertou seu lado artístico.

“Acho que nós não precisamos sair de Anápolis. Anápolis é de uma riqueza grandiosa no que se refere ao artista, a arte, o nosso problema é que as pessoas as vezes não entendem o processo cultural, e as vezes vem políticos, governos, prefeitos, vereadores, que não entendem o que é cultura, aí vem as dificuldades, mas no teatro, a arte de modo geral, é muito rica, nós temos grandes artistas que galgaram voo fora de Anápolis, foram ou para o eixo Rio – São

... Paulo, até para o exterior, e Anápolis é muito rica, principalmente no cenário da música, nós temos muitos músicos grandiosos, na área do teatro, dança, circo e agora nós migramos para o audiovisual, onde tivemos a oportunidade de ter o maior festival de cinema, conhecido nacional e internacionalmente.” (QUEIROZ, 2021.)

Ana também comenta sobre o interesse das pessoas pela cultura e acessibilidade da arte que para muitos pode parecer algo distante:

“A cultura ela sempre existiu, as músicas... eu particularmente fui criada ouvindo música clássica, Beethoven, Bach, Haydn, mas tinha música sertaneja, música raiz, televisão, quando a pessoa não tinha televisão em casa ela ia no vizinho. Então eu acredito que tudo é uma questão de busca, a pessoa tem que buscar.” (QUEIROZ, 2021.)

Dentre diversos grupos de música, dança, teatro e outros residentes em Anápolis, o Grupo Folclórico Brasil Central (GFBC) apresenta uma das mais completas relações entre todas essas formas de expressão e arte, atualmente o grupo é composto totalmente por voluntários e apoiadores da cultura que acreditam no potencial de tal iniciativa.

O GFBC foi criado para que em todos os seus programas, concebidos por meio da pesquisa e elaborados em forma de espetáculos, ressaltasse os vários aspectos da pluralidade, variedade e diferenciação que

representam particularmente as diferentes culturas formadoras da diversidade cultural Goiana. Colocando em evidência os fatores que influenciam e distinguem o conjunto dos elementos constitutivos e simbólicos, que consequentemente, compõem o conceito de identidade cultural Goiana e Brasileira.

Atualmente o cenário cultural da cidade de Anápolis é promissor em projetos e mobilização artística (figura 11), entretanto a infraestrutura para realização dos mesmos é precária e ultrapassada.

“Veja, o Teatro Municipal está sendo reformado, mas será usada a iluminação antiga, eu acho que não evolui tecnologicamente, precisamos acompanhar a evolução, veja, tanto as escolas municipais quanto as escolas de artes não tem internet, estamos em pleno século 21, em pleno processo tecnológico, então o que eu vejo de dificuldade é isso, a falta de infraestrutura.” QUEIROS (p. 0), 2021.

A Escola de Artes na antiga cadeia de Anápolis, atende as aulas onde antes eram as selas, o que prejudicar o aprendizado. Dentre outras demandas que cada escola ou edificação cultural necessita, que não são devidamente atendidas.

Dessa forma entende-se que a melhor maneira de se alcançar resultados eficientes que mudem a realidade de desinteresse cultural é investindo de fato em infraestrutura para dar apoio, incentivo, recebendo artistas e fazedores de cultura.

LEGENDA

-  1. Estação Ferroviária de Anápolis
 -  2. MAPA – Museu de Artes Plásticas de Anápolis e Biblioteca Municipal Zeca Batista
 -  3. Escola de Dança de Anápolis
 -  4. Galeria de Artes Antônio Sibasolly
 -  5. Escola de Artes Osvaldo Verano
 -  6. Escola de Música Antônio Branco
 -  7. ETA – Escola de Teatro de Anápolis
 -  8. Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho
 -  9. Ginásio Nilton de Faria
 -  10. Prefeitura de Anápolis
 -  11. SENAI
 -  12. UEG – Universidade Estadual de Goiás
 -  13. Espaço UEG Cultural
 -  14. Praça do Ancião
 -  15. Praça Santana
 -  16. Praça Bom Jesus
 -  17. Praça Americana do Brasil
 -  18. Igreja Santana
-  Edificações Culturais
 -  Manifestações Culturais
 -  Edificações Culturais Desativadas
 -  Institucional ou Educacional
 -  Terrenos para intervenção

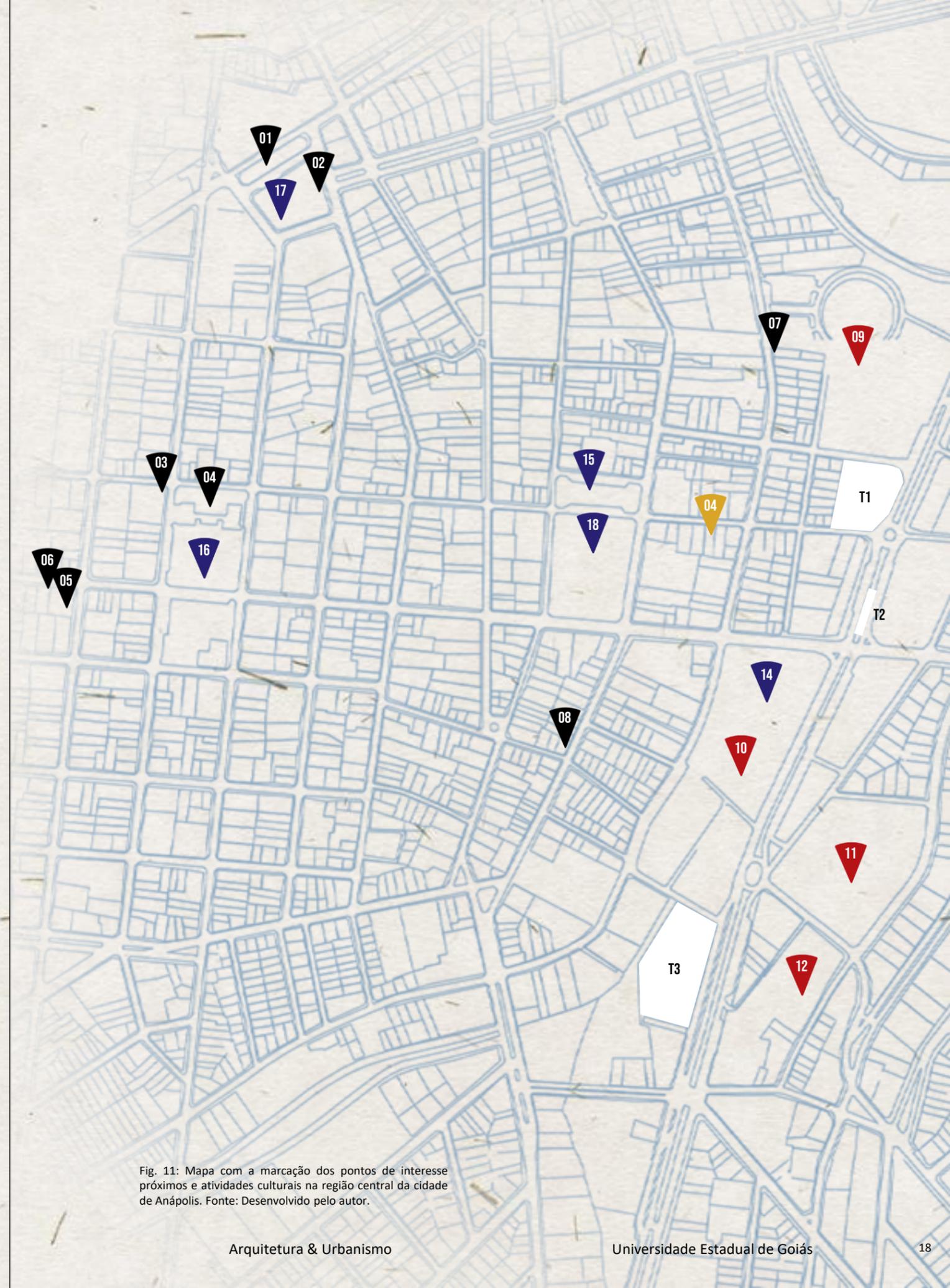


Fig. 11: Mapa com a marcação dos pontos de interesse próximos e atividades culturais na região central da cidade de Anápolis. Fonte: Desenvolvido pelo autor.

“

As cidades tem a capacidade de fornecer algo para todos, só porque, e somente quando, são criadas por todos.

JANE JACOBS,
Morte e vida das grandes cidades.

- 3.1. O macro
- 3.2. O micro
- 3.3. Análises e influências

3. SIGNIFICADOS DO LUGAR

3. Significados do lugar

3.1. O macro

Localizada a aproximadamente 59 (cinquenta e nove) quilômetros de Goiânia e 154 (cento e cinquenta e quatro) quilômetros de Brasília, o município de Anápolis se consolida como um grande polo industrial do país. Tudo teve início por volta de 1871, quando moradores do local deram início à construção da Capela de Sant'Anna das Antas e crescer o recente povoado.

“A construção da capela foi importante para aglutinar mais pessoas no povoado, pois em 1871 existiam apenas sete casas, no ano seguinte esse número foi para 20 moradias, com uma população estimada em 120 pessoas só no povoado, excluída a população rural, que era de aproximadamente 95% do total dos habitantes da região.” POLONIAL, 2007 (p. 17)



Fig. 12: Mapas esquemáticos com a ampliação da área estudada, sem escala. Fonte: Modificado pelo autor a partir dos mapas disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A1polis#/media/Ficheiro:Goias_Municip_Anapolis.svg



Elevada a categoria de cidade em 31 de julho de 1907, Anápolis já possuía vocação natural para a agricultura, tanto pela terra boa quanto pelas nascentes que permeiam a cidade.

Por volta de 1920 a cidade inicia um crescimento urbano, comercial e industrial significativo com a construção de rodovias, facilitando a comercialização e impulsionando a vinda de mais imigrantes para a região, o que fortaleceu a comunidade de sírios e libaneses na localidade.

Com a chegada dos trilhos de ferro e o intenso processo de imigração na região, a prefeitura de Anápolis seguiu tal modernização com a construção e reforma de novas edificações, como o Mercado Municipal e a Praça Americana do Brasil, pontos históricos da cidade. A estação Anhanguera foi o ponto de partida da ferrovia em terras goianas e chegou ao município de Anápolis em 1935 e a Goiânia em 1952.

Embora a construção da ferrovia seja um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da região, com o passar das décadas a estrada de ferro que cortava a cidade passou a ser vista como um grande perigo pela população que passou a exigir sua retirada, ocorrendo definitivamente em 1976 e possibilitou o forte crescimento de rodovias e da indústria automobilística na década da de 1980.

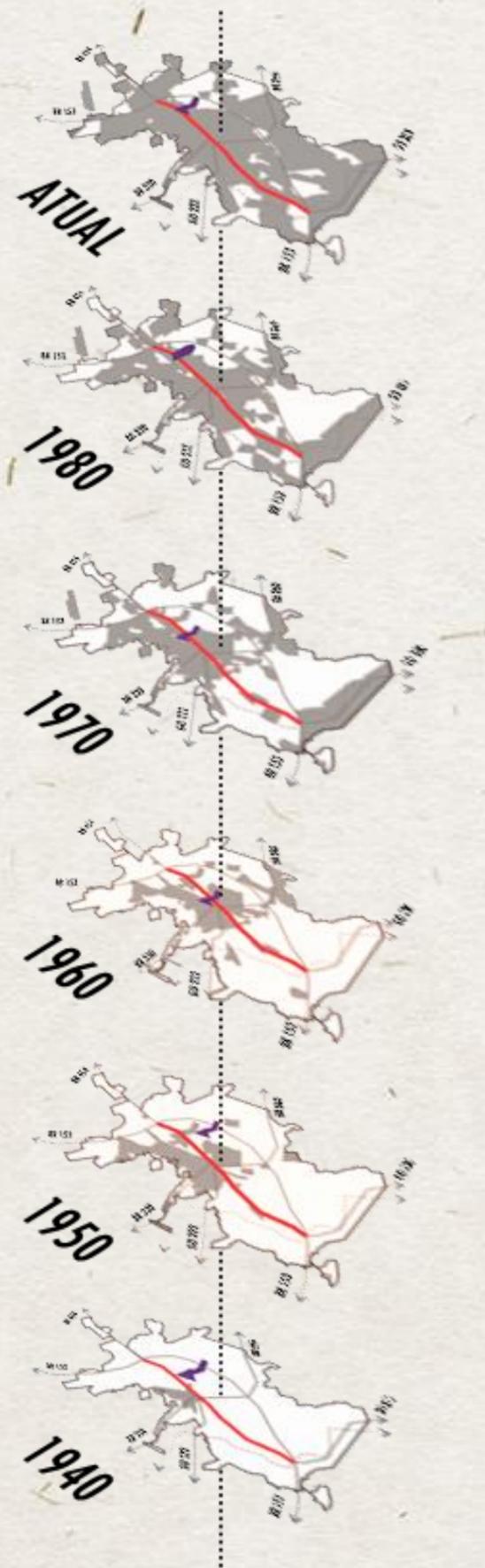


Fig. 13: Evolução do crescimento urbano de Anápolis. Fonte: Modificado pelo autor a partir dos mapas disponíveis pela Prefeitura de Anápolis, 2006.

3.2. O micro

Na região centro-oeste de Goiás, a cidade de Anápolis é vista como um ponto polarizador em seu raio de influência, abrangendo usos comerciais e de serviços especializados e o renomado polo farmacêutico.

De acordo com dados do IBGE (2019), possui cerca de 386.923 habitantes, intitula-se o terceiro maior município do estado, em população, e a segunda maior força econômica, com um PIB de mais de R\$ 13.301,496 bilhões em 2015.

A região leste do município, onde está localizada a macrozona do Rio das Antas (figura 14) e os terrenos escolhidos para as intervenções projetuais, concentra a maioria da população no “centro da cidade” que abrange grande diversidade de usos, equipamentos institucionais e comunitários (art.11 da Lei Complementar nº 349, de 07 de julho de 2016).

A proposta do corredor cultural está implantada em uma das principais vias da cidade, a Avenida Brasil que corta a região de norte ao sul ligando todos os pontos da cidade à via.

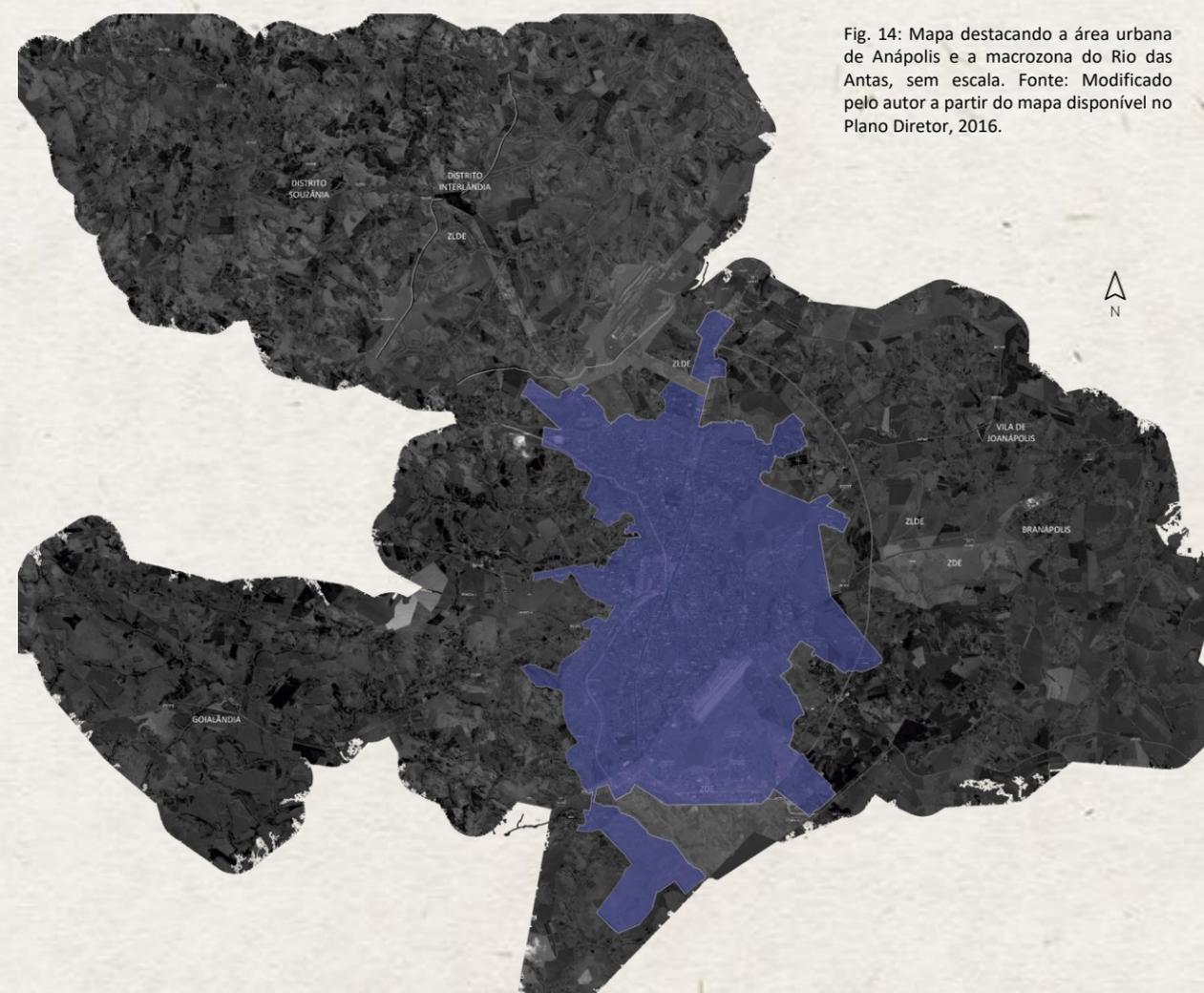


Fig. 14: Mapa destacando a área urbana de Anápolis e a macrozona do Rio das Antas, sem escala. Fonte: Modificado pelo autor a partir do mapa disponível no Plano Diretor, 2016.

Além de suprimir a demanda por espaços de qualidade para produções e apresentações culturais, a região possui acesso facilitado tanto para carros quanto para o transporte público, fator importante para os usuários. Outros equipamentos auxiliam no atendimento as futuras necessidades dos usuários, como o Terminal Rodoviário Josias Moreira Braga a aproximadamente 1,6km de distância do ponto final do Circuito Cultural, o Hospital Municipal a 750m e a Prefeitura Municipal ao lado. Outro equipamento necessário para conectar o circuito a partir da mobilidade seria a proposta de trecho com uma ciclorrota (fig. 15) na Avenida Brasil – norte e sul, que funcionaria nos finais de semana, para não dificultar o funcionamento do intenso fluxo de carros já existente nessa via estrutural.

Para essa macrozona, segundo o inciso V do art. 28 deve-se: “promover o tratamento adequado dos afluentes, conter a emissão atmosférica e a correta disposição dos resíduos sólidos, impedindo a contaminação dos cursos d’água e nascentes, permitindo apenas empreendimentos que possuam sistema de controle de poluição suficientes adequadas, de modo a não comprometer a qualidade ambiental; e promover a preservação e a recuperação de APPS”. Segundo o art. 21 A Zona Linear do Eixo Brasil Sul – ZLBS é aquela onde será incentivado o uso misto, observado os critérios de uso e ocupação e do nível de incomodidade”. A Avenida Brasil enquadra-se, de acordo com o inciso I do art. 30 da Lei Complementar nº128, de 10 de outubro de 2006, na categoria de “áreas especiais de interesse econômico”.



Fig. 15: Esquema gráfico de ciclorrota na área de intervenção. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.



Fig. 16: Mapa de Anápolis destacando as principais vias que ligam a cidade às demais regiões e aos terrenos do Circuito Cultural, sem escala. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2021.

3.3. Análises e Influências

O terreno 1 (T1) apresenta uma área de aproximadamente 4.911 m² se mantendo plano em toda a sua extensão, seu principal acesso se dá pela Av. Brasil Norte e um pequeno trecho do Córrego das Antas canalizado passa por baixo do terreno.

Com a publicação do Plano Diretor de Anápolis em 2006 (Lei n° 128/06) a aplicabilidade as APPs na esfera urbana ganhou maior visibilidade de preservação. Assim, o parágrafo 2º do artigo 35 do Plano Diretor de 2006 traz uma definição bem clara dos limites aplicados à zona urbana, sendo 15m para cursos d'água canalizados, a partir da sua borda.

O que inviabiliza a maior parte do terreno para implantação de novas e grandes edificações, possibilitando a criação de uma grande praça de recepção e a implantação de pequeno pavilhão acompanhando a linearidade disponível no terreno.

O terreno 2 (T2) se encontra embaixo do Viaduto Diocleciano Moreira Alves na Avenida Brasil e seus acessos se dão pelas duas vias da Av. Brasil Norte. Em 2020 houve a iniciativa de implantar a "Feira da Brasil" no local, mas o projeto foi paralisado devido as recomendações da OMS referentes a pandemia do covid-19, entretanto, atualmente a feira já está em pleno funcionamento.

Atualmente o espaço se encontra subutilizado e com certa concentração de moradores em situação de rua. Potencializando a implantação de um pavilhão modular que pudesse coexistir junto a feira futuramente.

O terreno 3 (T3) possui uma área com cerca de 9.175m², com seus acessos acontecendo pela Av. Brasil Sul e pela Travessa Jean-Jacques Wirth. Se mantém amplo em sua extensão, com um baixo caimento de 2,8% em seu sentido transversal, rumo ao curso d'água e de 2,7% no sentido longitudinal.

Assim como no T1, há a necessidade de manter as faixas bilaterais do curso d'água canalizado com 15m a partir de sua borda, afim de atender as demandas de preservação das APPs existentes no fundo do terreno.



Fig. 17, 18 e 19: Terrenos analisados. Fonte: Google Maps, 2021.



Fig. 20: Mapa com recorte do trecho analisado, contendo diagrama de incidência solar, orientação dos ventos e vegetação. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2021.

A presença do córrego na área analisada é o principal fator para a existência de áreas verdes mais densas e a preservação das APPs ao longo do curso d'água.

A força dos ventos se dá majoritariamente na direção leste do Circuito Cultural e a incidência solar abrange principalmente a fachada oeste dos terrenos escolhidos.

Dentro do recorte analisado há uma predominância de cheios em relação aos vazios do tecido urbano, como aponta o mapa 1, isso se dá pela densa ocupação já consolidada nessa região central da cidade, onde os vazios se dão principalmente por praças, áreas de preservação ambiental, lotes com edificações em construção ou subutilizadas.

O recorte analisado também recebe influência direta da Avenida Brasil, via estrutural da cidade cortando-a de norte a sul, como aponta o mapa 3, onde os terrenos escolhidos estão inseridos em um pequeno trecho, que também recebe a influência das vias arteriais da Avenida Goiás e Rua Barão do Rio Branco.

A região apresenta uma boa infraestrutura urbana com vias asfaltadas em ótimo estado, dois viadutos recém construídos para melhor mobilidade nesse trecho caótico de importantes vias, possuindo também sistema de abastecimento de água e esgotamento, bem como mobiliário urbano em bom estado, como postes de iluminação pública, semáforos, faixas de pedestre e pontos de ônibus.

Por ser uma área de interesse econômico, o trecho sul da Avenida Brasil, na extensão que segue após os terreno

analisados, abriga grande parte das lojas de materiais de construção, concessionárias de veículos e comércios atacadistas. No trecho norte da Avenida Brasil, no entrono imediato se encontra a mesma concentração de interesses econômicos como shopping, comércio atacadista e variados.

Envolto aos terrenos há equipamentos educacionais, como a UEG e o SENAI, e equipamentos institucionais como a Câmara Municipal, o Fórum e a Prefeitura de Anápolis. As habitações acontecem no eixo da avenida com edifícios de uso misto ou sobrelojas. Uma área com grande diversidade de usos como aponta o mapa 4, mantendo uma certa horizontalidade da paisagem com edificações predominantemente de 1 a 3 pavimentos, como exemplificado no mapa 3.

Dessa forma, o Circuito Cultural apresenta a localização necessária para a implantação das edificações que servirão como apoio aos demais equipamentos culturais também inseridos na região central da cidade, se apresentando geograficamente como uma opção acessível aos usuários dos outros equipamentos e à aqueles que não se encontram nessa região.

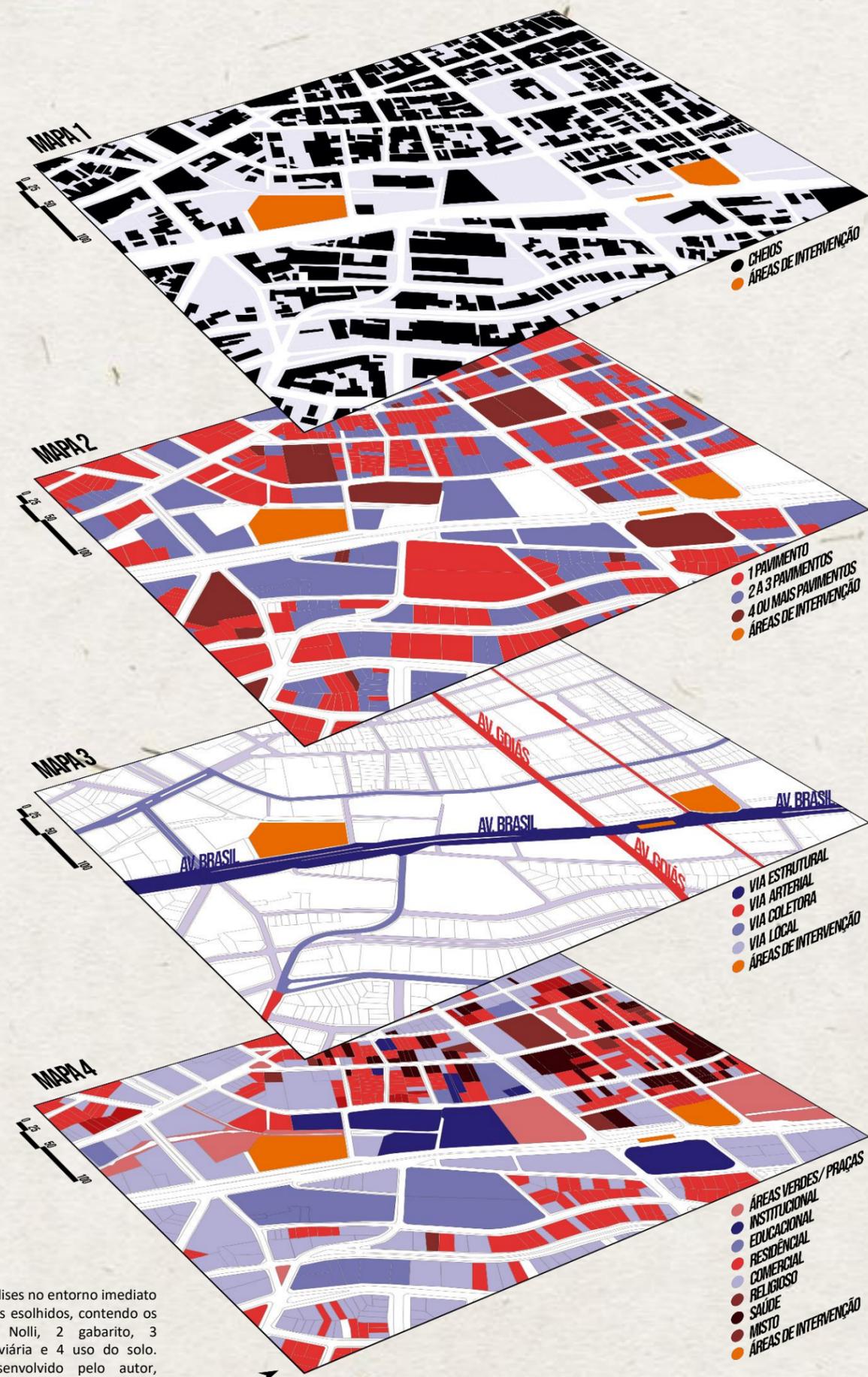


Fig. 21: Análises no entorno imediato dos terrenos escolhidos, contendo os mapas: 1 Nolli, 2 gabarito, 3 hierarquia viária e 4 uso do solo. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2021.

“

Primeiro a vida, depois espaços públicos, só então edifícios - o inverso nunca funciona.

JAN GEHL, A vida entre edifícios.

- 4.1. #Tuiteratura
- 4.2. Pavilhão da Espanha
- 4.3. Centro Cultural ADUnB

4. ESTUDOS DE CASO

4. Estudos de Caso

Para os estudos de caso, foram selecionados projetos que abordam questões arquitetônicas e interativas relevantes em relação a proposta final do trabalho, composto por alguns estudos de instalações interativas importantes para despertar o imaginário dos usuários.

Outros aspectos importantes dentro dessa análise, foram questões funcionais dispostas ao longo dos projetos, a experiência sensorial que se encontra em cada um, bem como as relações volumétricas, formais, materiais, disposição da setorização para melhor funcionamento do programa e a relação com o lugar onde estão inseridos.

Dessa forma os projetos “Pavilhão da Espanha na Expo Dubai 2020” (Dubai), “Instalação temporária #Tuiteratura”, em São Paulo (SP - Brasil) e o Centro Cultural ADUnB, (DF – Brasil), apresentam aspectos importantes que serão analisados de forma mais aprofundada para melhor compreensão das intenções projetuais abordadas e ambientação dos espaços interativos, a fim de nortear a proposta final para elaboração das edificações do Circuito Cultural RELIGAR.

Fig. 22: Exposição inteiramente digital no interior do Museu do Amanhã. Fonte: Rafael Leick, 2016. Tratada pelo autor do trabalho, 2021.



4.1. #Tuiteratura

Arquiteto: Estudio Guto Requena
Local: São Paulo, SP - Brasil
Ano: 2013

A instalação temporária interativa **#Tuiteratura** aponta diversos aspectos que brincam com o imaginário dos usuários enquanto seus próprios corpos fazem parte da exposição dentro desse espaço híbrido aliando tecnologia, realidades concretas e virtuais em uma experiência multissensorial, propostas inovadoras e também estudadas para serem aplicadas às exposições dos pavilhões do Circuito Cultural Religar.

Som, luz, letras, corpo e imagem transmitem e recebem conteúdo como um amálgama gerador da **#Tuiteratura**.

A tela de 16m de comprimento por 3m de altura possibilita uma ampliação do espaço escuro juntamente com a paisagem sonora criada para tornar a experiência mais imersiva e interativa. Sensores kinetic captam a presença do visitante e reproduzem sua silhueta em sombras eletrônicas formadas a partir de poemas de ícones da literatura brasileira ou portuguesa, ou de importantes “tuiteiros” que transcrevem seus poemas na rede social, ou até poemas produzidos em tempo real na mostra, onde o próprio usuário pode criá-los.



Fig. 23, 24, 25 e 26: Instalação temporária #Tuiteratura. Fonte: Archdaily, 2021.

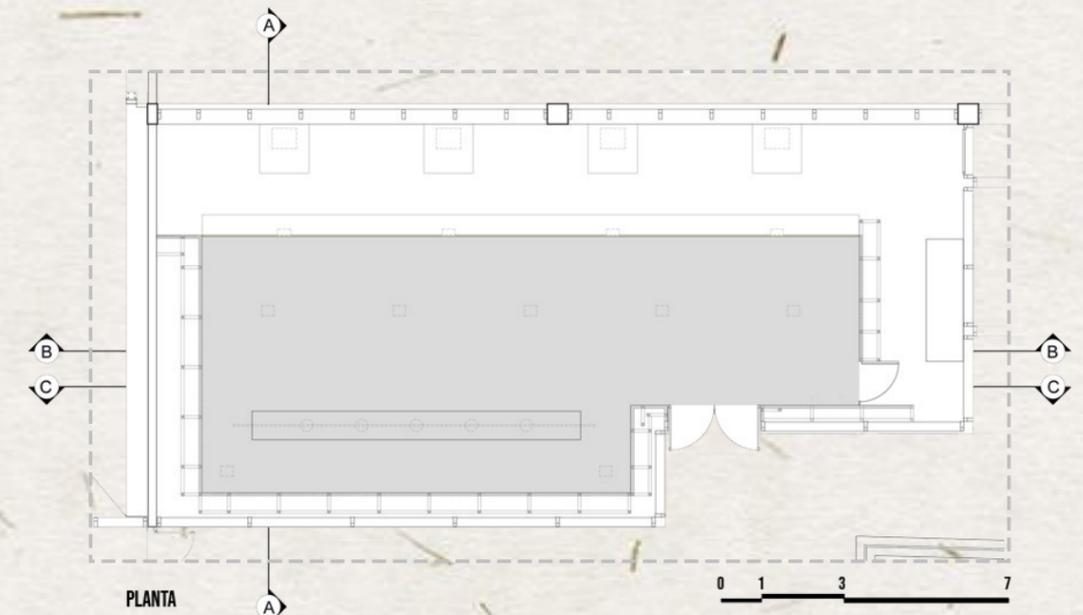


Fig. 27: Planta da exposição #Tuiteratura. Fonte: Archdaily, 2022.

Os ambientes internos compactos são totalmente interativos, onde até mesmo sentado, o usuário consegue interagir com o espaço que funciona como uma caverna digital onde o mundo analógico e o digital se complementam, conceitos ideais para pavilhões compactos e modulares como o Pavilhão Goyazes dentro do Circuito Cultural Religar.

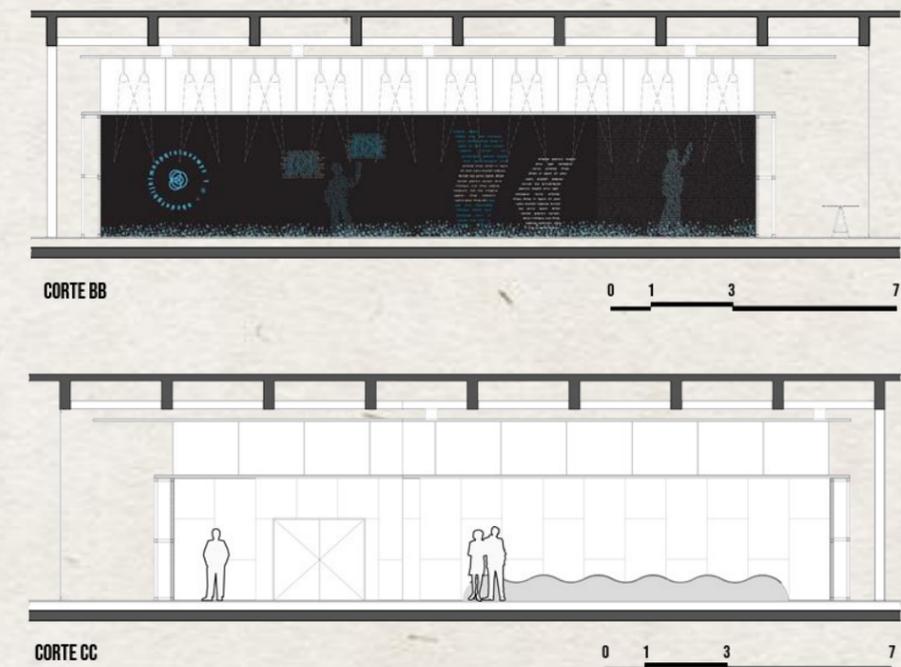


Fig. 28: Corte B e C da exposição #Tuiteratura. Fonte: Archdaily, 2022.

4.2. Pavilhão da Espanha

Arquiteto: Amann Cánovas Maruri
Local: Dubai – Emirados Arabes Unidos
Ano: 2021

O Pavilhão espanhol implantado na Expo Universal Dubai 2020 tem como objetivo desacelerar a avassaladora velocidade das demandas contemporâneas bem como o dia a dia de seus visitantes, com exposições interativas dentro de um percurso lúdico e inesperado, onde a lentidão também faz parte desse conjunto, a fim de oferecer o sossego necessário para desfrutar das exposições com calma. Premissas importantes adotadas para o Pavilhão Santa das Antas do Circuito Cultural Religar.

Se alguém perguntar onde está a porta desse pavilhão, a resposta é simples: onde começa a sombra.

O conjunto de praças entrelaçadas criam espaços de lazer e contemplação intermediários às exposições, necessários para trazer a sensação de acolhimento e descanso entre os percursos dinâmicos. O projeto construído em território aberto pretende ceder seu espaço para novos usos quando finalizada a exposição.

O pavilhão com cerca de 5.800m² abriga exposições que envolvem design, arte e tecnologia para criar uma experiência imersiva e única, destacando a riqueza da natureza, da ciência, da biodiversidade, das

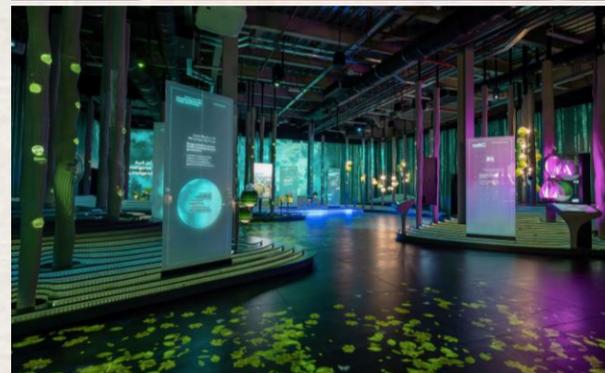


Fig. 29, 30, 31, 32 e 33: Pavilhão da Espanha. Fonte: Archdaily, 2022.



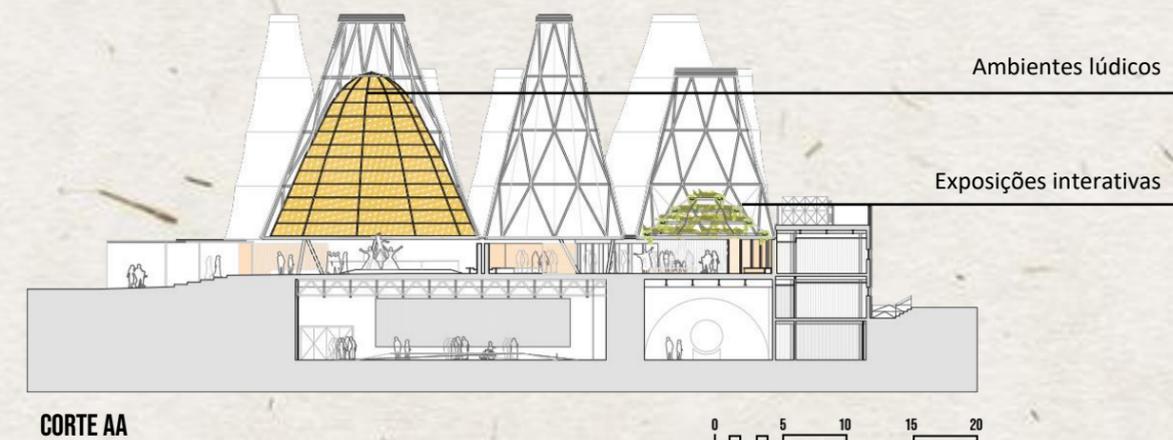
PLANTA TELHADO

Fig. 34: Pavilhão da Espanha. Fonte: Archdaily, 2022.

inovações em sustentabilidade e economia circular, bem como a contribuição da cultura espanhola para a cultura universal.

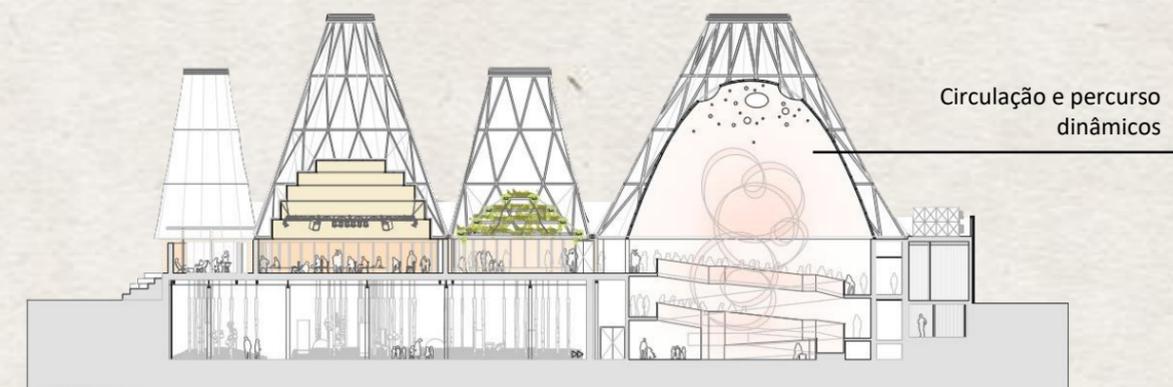
“Nosso engenho, nossa criatividade e nossa capacidade inovadora como ferramentas essenciais para preservar a vida e a biodiversidade e construir um futuro sustentável”.

Conceitos importantes adotados nas exposições dos pavilhões dentro do Circuito Cultural Religar.



CORTE AA

0 5 10 15 20



CORTE BB

Fig. 35: Corte A e B. Fonte: Archdaily, 2022.

0 5 10 15 20

Ambientes lúdicos

Exposições interativas

Circulação e percurso dinâmicos

4.2. Centro Cultural ADUnB

Arquiteto: Nonato Veloso

Local: Brasília, DF - Brasil

Ano: 2014

O Centro Cultural da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília, surgiu após a abertura de um concurso realizado por professores e arquitetos da FAU/UnB, no final de 1999, com um programa extenso e ambicioso. Mas somente em 2003 que houve o interesse de construção da parte administrativa da associação.

“Resolvemos então redesenhar esta parte, incluindo um café. O sítio tem uma importância histórica que vem da implantação da própria UnB, contando com a Faculdade de Educação, a antiga Reitoria e o auditório Dois Candangos. Conta ainda com edifício de João Filgueiras Lima, o Lelé, hoje infelizmente desfigurado por um “puxadinho” em toda a sua extensão.” VELOSO, 2018.

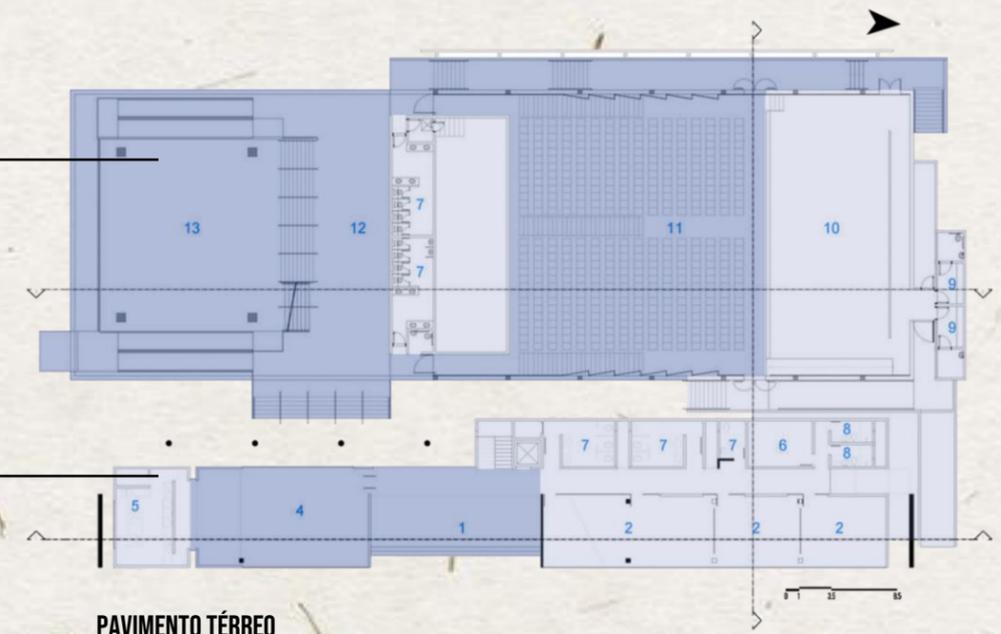
O projeto é composto por dois blocos independentes (parte administrativa e auditório Dois Candangos) que estão ligados por um corredor de percolados coberto, possibilitando uma circulação linear e ligação entre os espaços internos e externos, onde compartilham um amplo estacionamento. As paredes brancas remetem as demais edificações da UnB, com os projetos para serviços gerais de Oscar Niemeyer. Os brises de alumínio reforçam a horizontalidade e transparência da edificação, gerando uma certa permeabilidade visual dos espaços.



Fig. 36, 37, 38 e 39: Centro Cultural ADUnB. Fonte: Archdaily, 2021.

Setorização e programa

Planta e circulação linear



PAVIMENTO TÉRREO

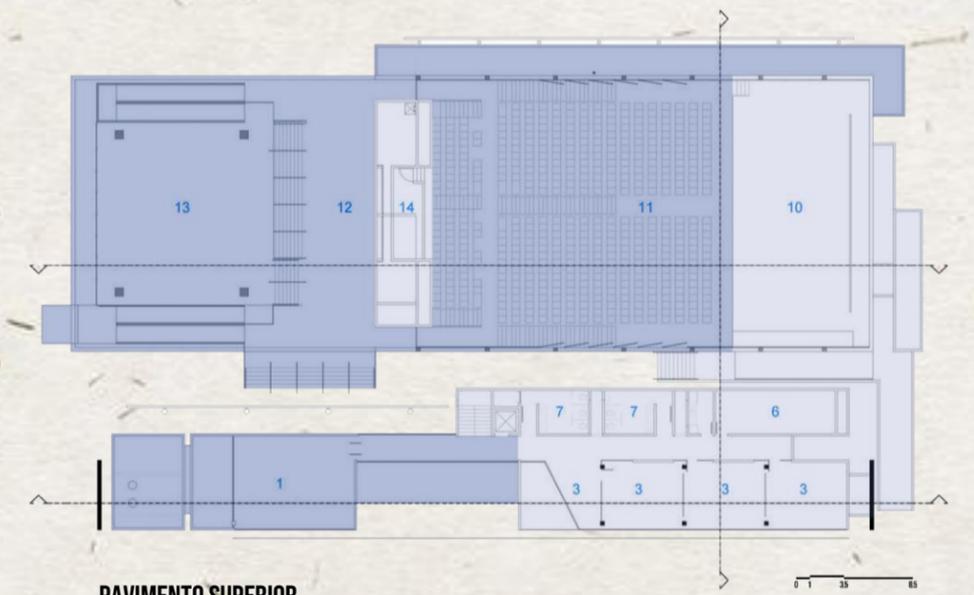
Fig. 40: Planta Térreo. Fonte: Archdaily, 2021.

LEGENDA

1. Vestíbulo
2. Salas multiuso
3. Administração
4. Café
5. Cozinha
6. Arquivo
7. Sanitários
8. Vestiário
9. Camarins
10. Palco
11. Auditório
12. Foyer
13. Espaço Multiuso
14. Cabine de som

SETORIZAÇÃO

- Público
- Serviço/privado

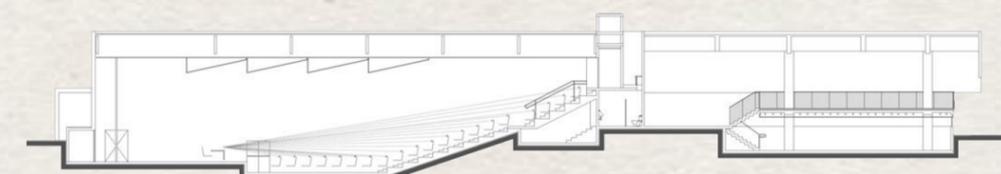


PAVIMENTO SUPERIOR

Fig. 41: Pavimento superior. Fonte: Archdaily, 2021.



CORTE A



CORTE B

Fig. 42: Corte A e B. Fonte: Archdaily, 2021.

Sistema construtivo e materialidade

“

As cidades precisam criar condições para as pessoas pensarem, planejarem e agirem com imaginação.

LANDRY, Origens e Futuros da Cidade Criativa.

- 5.1. Inícios
- 5.2. Programa de necessidades
- 5.3. Pavilhão Santana das Antas
- 5.4. Pavilhão Goyazes
- 5.5. Centro de Memória e Cultura RELIGAR

5. CIRCUITO CULTURAL RELIGAR

5.1. Inícios

A partir das questões levantadas e analisadas anteriormente, viu-se a necessidade e meios para o incentivo, disseminação e preservação da cultura goiana.

O Circuito Cultural RELIGAR nasce dessa necessidade e o percurso proposto atende principalmente a área educacional, onde escolas públicas e privadas possam levar os alunos para percorrer esse pequeno trajeto na Avenida Brasil e experienciar tal atividade cultural, possibilitando maior aproximação e aprendizado em relação a cultura goiana, além de despertar a curiosidade dos jovens a partir das exposições interativas e dinâmicas com atividades culturais ao longo do dia.

Fig. 43: Integrantes do Grupo Folclórico Brasil Central (GFBC) – Apresentação no Festival Nacional do Folclore de Olímpia (SP), 2017. Fonte: Arquivo GFBC.



Atendendo também a população como um todo e despertando o interesse em consumo de atividades culturais, bem como o incentivo aos grupos de dança, música e teatro da cidade e região, a continuarem esse importante trabalho cultural, disponibilizando suporte e estrutura para realização de apresentações, ensaios, debates, oficinas, aulas e protagonizar esse intercâmbio cultural, afim de elevar a interculturalidade e a relação das pessoas para com a cultura local.

A partir dessas ideias, conceitos e estudos de caso, foi proposto o programa de necessidades que atenderia as demandas das três edificações e das problemáticas em relação aos espaços oferecidos para realização dessas atividades culturais atualmente.

PAVILHÃO SANTANA DAS ANTAS

PAVILHÃO GOYAZES

72% EXPOSITIVO
- AREA DE EXPOSIÇÃO

SERVIÇO 28%
- RECEPÇÃO
- CAFÉ
- SANITÁRIOS
- COPA
- DML

71% EXPOSITIVO
- AREA DE EXPOSIÇÃO

SERVIÇO 29%
- RECEPÇÃO
- SANITÁRIOS
- COPA
- DML

ADMINISTRATIVO 4%
- VESTÍBULO
- ADMINISTRAÇÃO I
- ADMINISTRAÇÃO II
- ARQUIVO
- SANITÁRIOS

35% CULTURAL
- SALA MULTIUSO
- ESPAÇO MULTIUSO
- ÁREA DE EXPOSIÇÃO
- PÁTIOS INTERNOS
- SANITÁRIOS

CENTRO DE MEMORIA E CULTURA - RELIGAR

AUDITÓRIO 54%
- FOYER
- CAMARINS
- PALCO
- AUDITÓRIO
- CABINE DE SOM
- SANITÁRIOS

7% SERVIÇOS
- CAFÉ
- COPA
- DML
- DEPÓSITO
- ESTACIONAMENTO



4 min / tempo médio

500 m / distância



10 min / tempo médio

Fácil / dificuldade

Linear / percurso



4 min / tempo médio

PAVILHÃO SANTANA DAS ANTAS

Fig. 45: terreno analisado para a implantação do Pavilhão Santana das Antas. Fonte: Arquivo pessoal, 2021.



5.3. Pavilhão Santana das Antas

O ponto de partida para o Circuito Cultural se dá pelo Pavilhão Santana das Antas, onde será retratado de forma lúdica e sensorial, a história e lenda sobre o surgimento do povoado de Santana das Antas, conhecida hoje como Anápolis.

Para a implantação da edificação no terreno analisado, observou-se principalmente a Lei nº 128/06 do Plano Diretor de Anápolis, que aponta no parágrafo 2º do artigo 35 os limites aplicados à zona urbana, sendo 15m para cursos d'água canalizados, a partir da sua borda.

Partindo desse princípio, um volume prismático puro, linear e convencional com 385 m² (proposto pelo programa de necessidades), foi levantado na faixa linear disponível para construção de edificações no terreno.

Tal volumetria comporta todo o programa de necessidades proposto e aproveita a área restante de preservação, para uso comum, disponibilizando uma ampla área de praça de convivência, agregando e potencializando o uso do pavilhão.

A partir dessas diretrizes, foi implantado um espelho d'água que abraça toda a edificação simulando o Córrego das Antas que corre em baixo do terreno, bem como a disposição das massas vegetativas que criam uma barreira natural da Av. Brasil e delimita os acessos de veículos e pedestres.

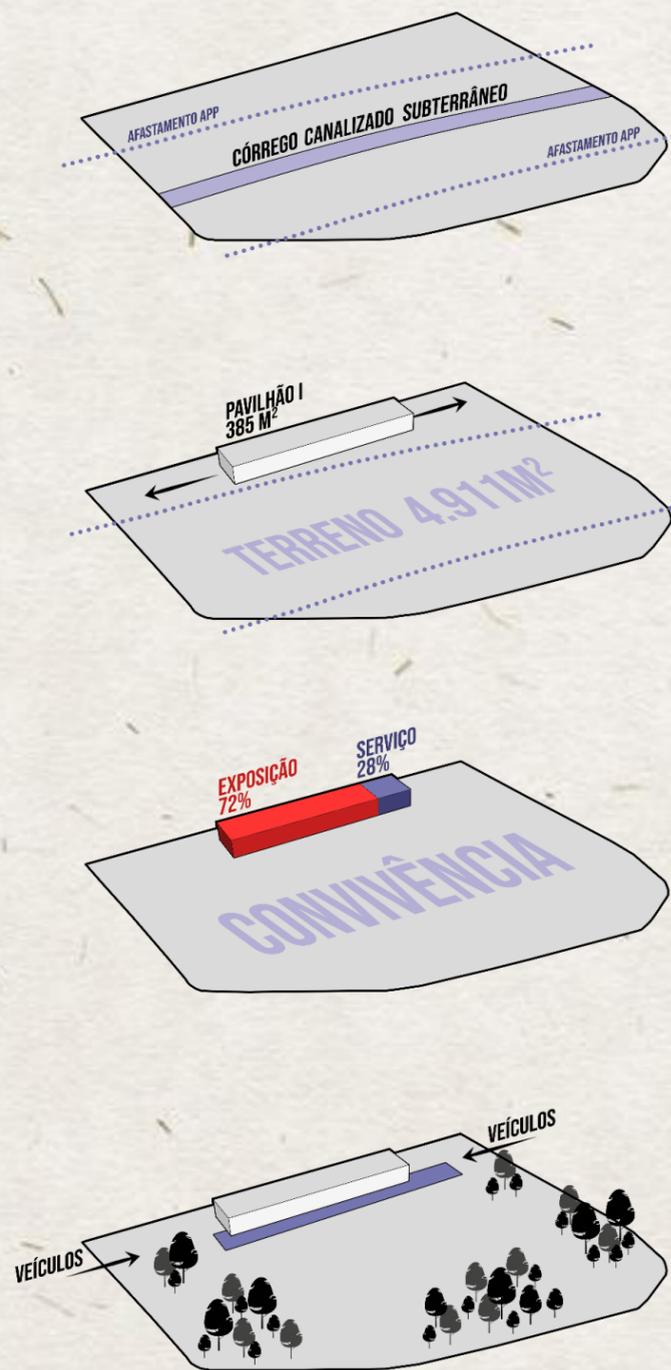


Fig.46: Diagrama da concepção formal da edificação. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2021.

Dessa forma, a praça de recepção criada a partir da implantação da edificação ganha diversas potencialidades, sendo de convivência ou lazer, como atividades que já acontecem no local, além de gerar uma espécie de continuação do trecho de área de preservação permanente ao longo da Avenida Brasil, colaborando para a criação de um microclima mais agradável tanto para o

pavilhão e praça, quanto para a região em questão.

Como a praça abrigará os eventos culturais que já ocorrem na cidade, o estacionamento principal se dá no lote subutilizado ao lado para melhor funcionamento tanto dos programas pensados para esse local quanto para a mobilidade dos usuários da região.

Fig.47: Implantação do Pavilhão Santana das Antas. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2021.



O impacto inicial que a edificação causa aos usuários da praça tem por intenção despertar a curiosidade de desvendar o que existe atrás da fachada cega e "como entrar?" na edificação, dessa forma os acessos se deram nas laterais do projeto a fim de instigar os usuários a percorrermos por todo o terreno, bem como para melhor funcionamento do percurso de exposições internas de forma linear.

O pavilhão que se encontra na mesma rua da Igreja Matriz de Sant'Ana, aborda de forma lúdica e interativa, as questões religiosas e culturais referentes a lenda da surgimento e consolidação do povoado de Santana das Antas, atual Anápolis. Proposta ideal para excursões escolares, bem como para aproximação da população para

com sua própria história, além de apoiar e ceder um espaço para exposições temporárias.

Segundo Ramos (2013), no ano de 1870, Dona Ana das Dores Ramos, empreendeu uma viagem de tropa de burros de Jaraguá até Bonfim, conhecida hoje como Silvânia. Junto com a comitiva, ela levava em sua bagagem uma imagem de Sant'Ana, a quem era devota.

Ao reunir as paradas de burros que formavam a tropa, deram falta de um dos animais e começaram uma longa busca, até encontrarem o animal deitado com a carga que carregava. Tentaram fazer o animal levantar, sem sucesso, depois decidiram tirar a carga do lombo, mas estava tão pesada que ninguém conseguiu.

Fig. 48: Fachada nordeste Pavilhão Santana das Antas. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.



Ao abrirem a bagagem viram a imagem de Sant'Ana e Dona Ana se lembrou da promessa que fez de construir uma igreja para a Santa de sua devoção, que ainda não havia cumprido por não achar o lugar ideal.

Dona Ana se ajoelhou e em voz alta renovou a promessa antiga, logo após a carga ficou leve e o animal se levantou. Emocionados e interpretando como milagre o desejo da Santa de permanecer ali, Sr. Joaquim dono das terras do local, doou parte das terras para a construção de igreja.

No mesmo ano, Gomes de Souza Ramos construiu a capela prometida por sua mãe, Dona Ana, e no ano seguinte a capela foi benzida e recebeu a imagem de Sant'Ana

como um presente de Dona Ana, que se encontra até hoje na Matriz de Sant'Ana, no mesmo lugar onde aconteceu o milagre, de onde a padroeira está abençoando a cidade e o povo de Anápolis.

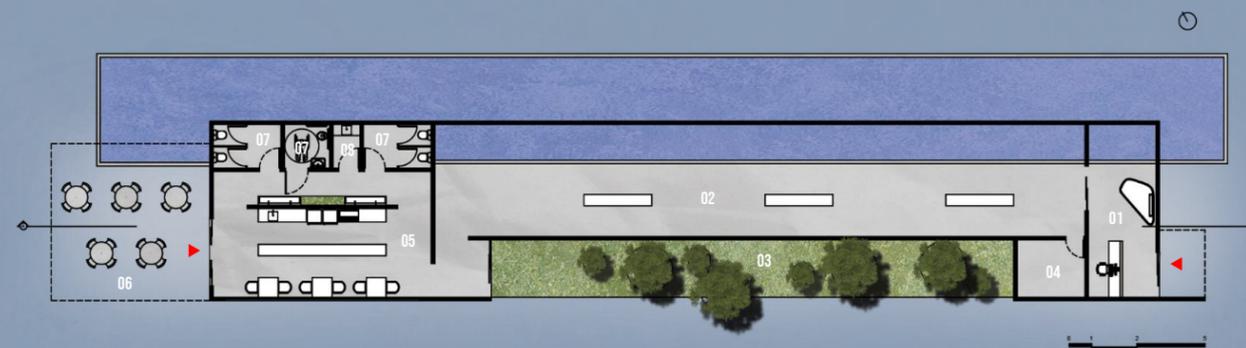
A exposição na edificação será baseada nesses relatos que contribuem para o imaginário criativo da população dando origem a lendas e costumes importantes para o meio cultural. A distribuição do programa de forma linear auxilia no percurso das exposições que brinca com a imaginação e trabalha o lado lúdico dos usuários, finalizando o percurso no café que funcionará de forma independente ao pavilhão, com a área externa o mesmo voltada para a praça.

Fig. 49: Exposições internas. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.





Fig. 50, 51 e 52: Programa Pavilhão Santana das Antas. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.

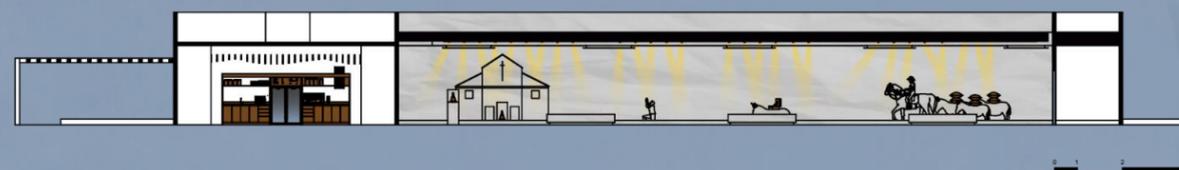


Planta layout

Fig. 53: Planta layout. Desenvolvido pelo autor, 2022.

LEGENDA

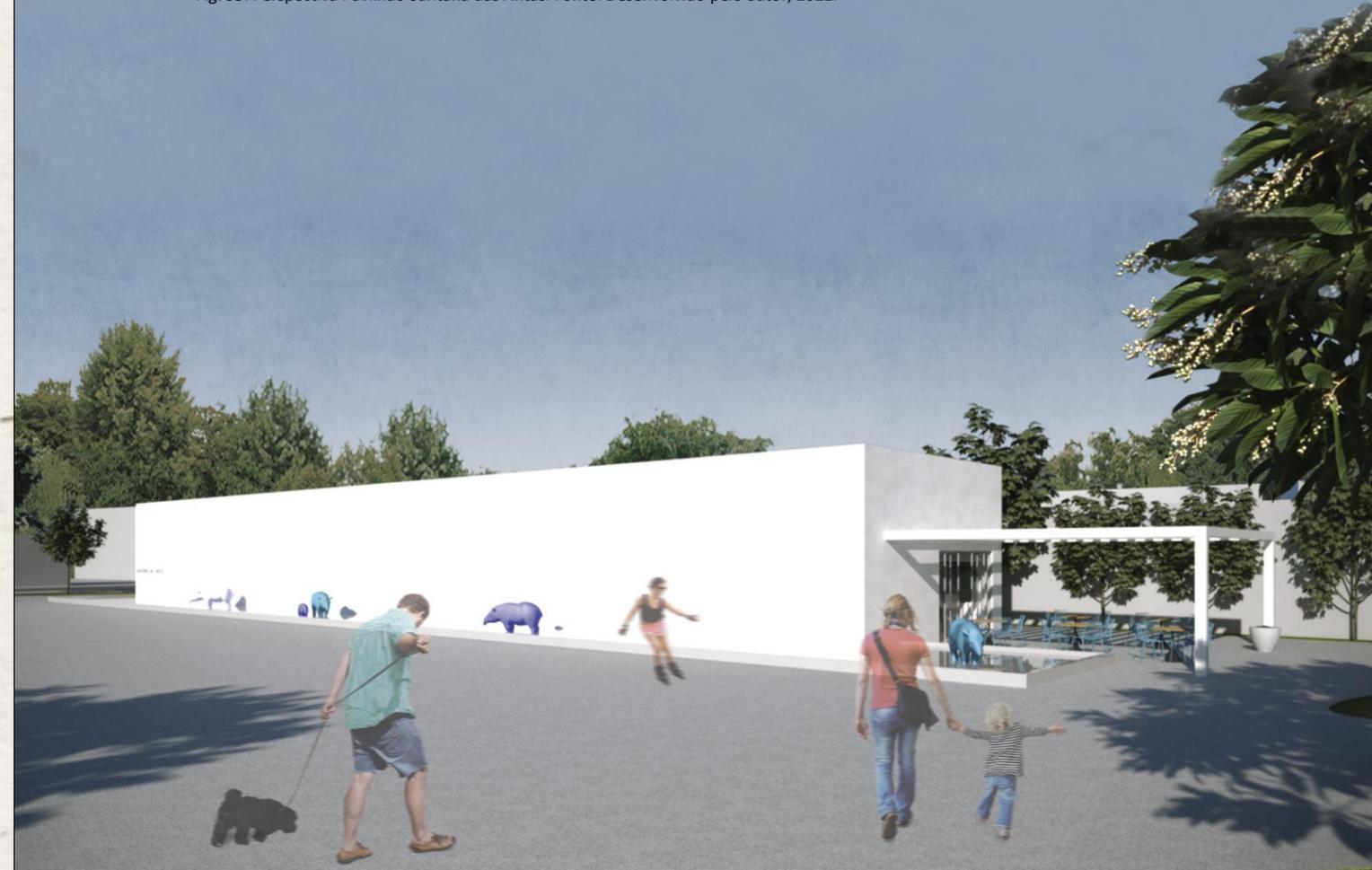
- 1. Recepção
- 2. Exposições internas
- 3. Exposição externa
- 4. Depósito
- 5. Café
- 6. Salão externo
- 7. Sanitários
- 8. DML
- ▶ Acessos



Corte AA

Fig. 54: Corte AA. Desenvolvido pelo autor, 2022.

Fig. 55: Perspectiva Pavilhão Santana das Antas. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.



SETOR	AMBIENTE	ATIVIDADE	PERMANÊNCIA	NUMERO DE USUÁRIOS	UNIDADE	ÁREA TOTAL
	Recepção	Controle de acessos	Transitória	Variável	1	25 m ²
	Exposição interna	Exposições	Prolongada	Varável	1	155 m ²
	Exposição externa	Exposição	Transitória	Varável	1	60 m ²
	Café	Alimentação	Prolongada	7	1	50 m ²
	Salão externo	Alimentação	Prolongada	20	1	50 m ²
	Sanitários	Higiene	Transitória	2	3	30 m ²
	DML	Deposito de materiais de limpeza	Transitória	1	1	5 m ²
	Depósito	Armazenamento	Transitória	1	1	10 m ²
						Total: 385 m ²

Tabela 2: Pré dimensionamento do programa proposto para o Pavilhão Santana das Antas. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2021.

A cada dia a praça poderá ganhar uma nova configuração (imagem 00), esse espaço livre completamente destinado ao uso comum possibilita a instalação de novos eventos e projetos conforme as demandas da sociedade contemporânea, bem como a reinserção de eventos e atividades já existentes na cidade, como a Feira da Lua que ocorre de duas a três vezes ao ano nessa mesma área ou os circos itinerantes que

passam pela cidade ao longo do ano. Possíveis feiras de artesanato ou troca de mercadoria, inúmeras possibilidades a partir da praça que recebe, acolhe e gera lazer, renda e entretenimento, complementando também ao programa do Pavilhão Santana das Antas, revitalizando essa área antes subutilizada e gerando um novo ponto de referência para a cidade.



Fig. 56: Pavilhão e praça com diversos usos. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.

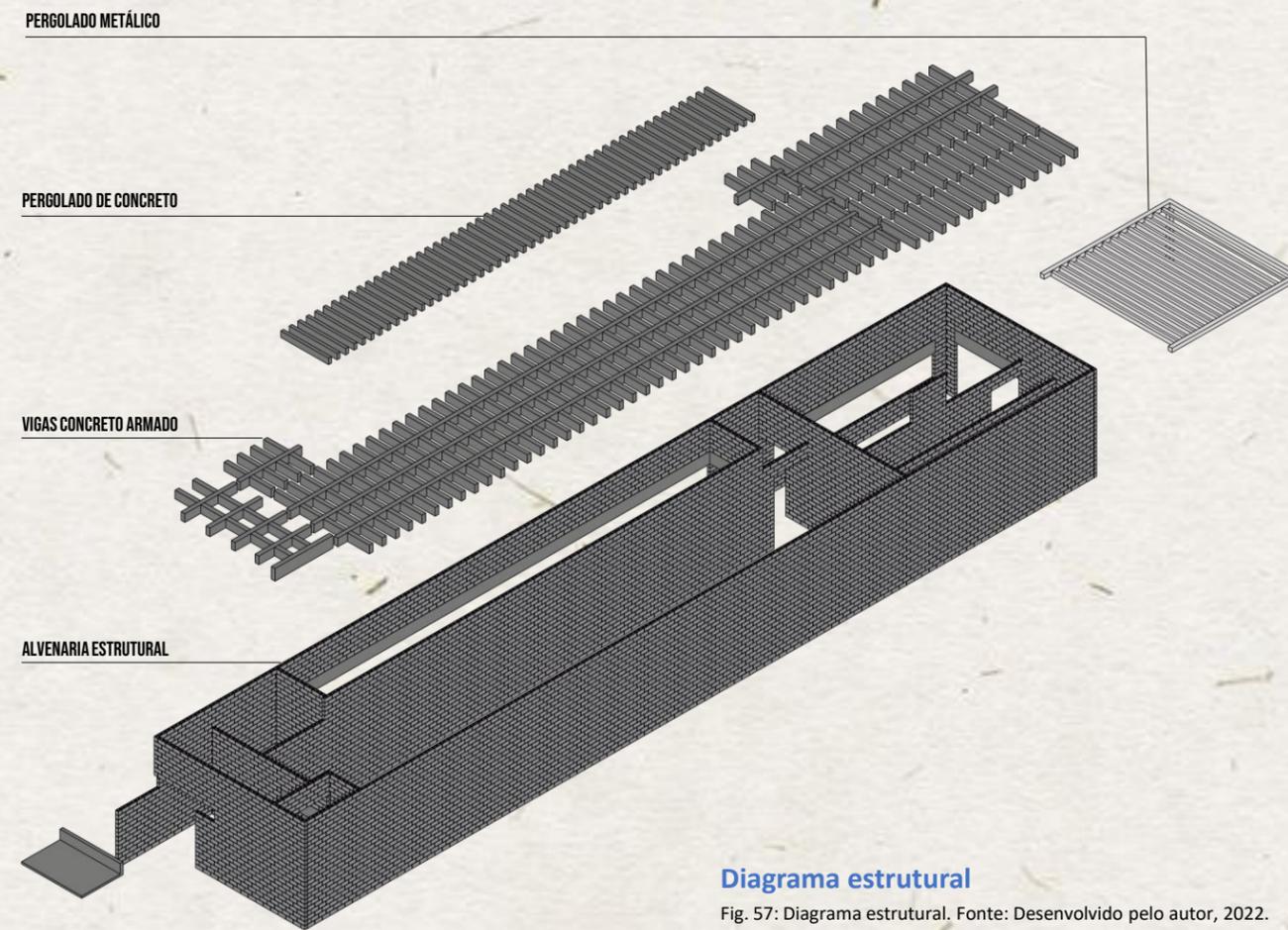


Diagrama estrutural

Fig. 57: Diagrama estrutural. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.

O sistema construtivo adotado é alvenaria estrutural que consiste em blocos de concreto sobrepostos exercendo esse caráter de funcionamento autoportante. Esse sistema construído possibilita que a fabricação dos blocos seja feita dentro do canteiro de obras, deixando a obra mais limpa, otimizada e econômica em relação a outras materialidades, além de diminuir o tempo de obra, evitar o desperdício e diminuição do uso de outros materiais.

A modulação aplicada no projeto parte dos blocos estrutural com as dimensões 14x19x29 cm dispostos em todo

pavilhão, ligados pelas vigas de concreto armado que sustentam a laje da construção. Os pergolados de concreto na região do memorial do cerrado atendem o vão de 2,50 metros e diminuem a incidência solar no local, bem como o pergolado metálico que cobre a parte externa do café, sustentando também a trepadeira no paisagismo aplicado.

Tala materialidade atende as demandas do programa proposto, onde a fachada principal não possui aberturas para ambientação das exposições internas sem a interferência da iluminação natural, bem como a preservação das obras expostas.

PAVILHÃO GOYAZES

Fig. 58: Área analisada para a implantação do Pavilhão Goyazes. Fonte: Arquivo pessoal, 2021.



5.4. Pavilhão Goyazes

O segundo ponto do percurso acontece a poucos metros do Pavilhão Santana das Antas, embaixo do Viaduto Diocleciano Moreira Alves, entre as duas pistas da Avenida Brasil. Atualmente o local se encontra subutilizado com grande concentração de moradores em situação de rua.

Em 2020 houve o início do projeto de implantação da Feira da Brasil no local, por pouco mais de um ano o projeto ficou parado devido a pandemia do covid-19 e as recomendações de isolamento social da OMS, mas recentemente a Feira da Brasil teve sua devida inauguração e segue a programação normal de acontecimento uma vez por semana.

No local, terá artesanato de mais de 71 expositores e um palco para atrações artísticas. Para o secretário municipal de Cultura, Wilson Velasco, a feira valoriza a economia local e a cultura e afirmou que é uma maneira de “apresentar à população

empreendimentos que tem gerado de renda inclusão social e desenvolvimento para a Cidade”. ROCHA, 2020

O Pavilhão Goyazes ganha uma proporção interessante com sua implantação, pois, além da exposição interativa referente a construção do território goiano e constituição da cidade de Anápolis, ele preenche esse espaço subutilizado na cidade e reforça a importância cultural da Feira da Brasil, onde os dois projetos podem coexistir.

O espaço conta com dois bolsões de estacionamento (figura 60) já presentes no local, com o acesso principal à edificação voltado para a Avenida Goiás.

O pavilhão possibilita a interação direta com seu entorno, onde sua fachada dinâmica ganhará uma nova configuração a noite com os painéis feitos de acrílico com iluminação embutida, onde o pavilhão se tornará uma “lanterna de luz amarela” no coração da cidade, com o intuito de despertar a curiosidade das pessoas de saberem o que tem dentro.

Fig. 59: Implantação do Pavilhão Goyazes. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2021.

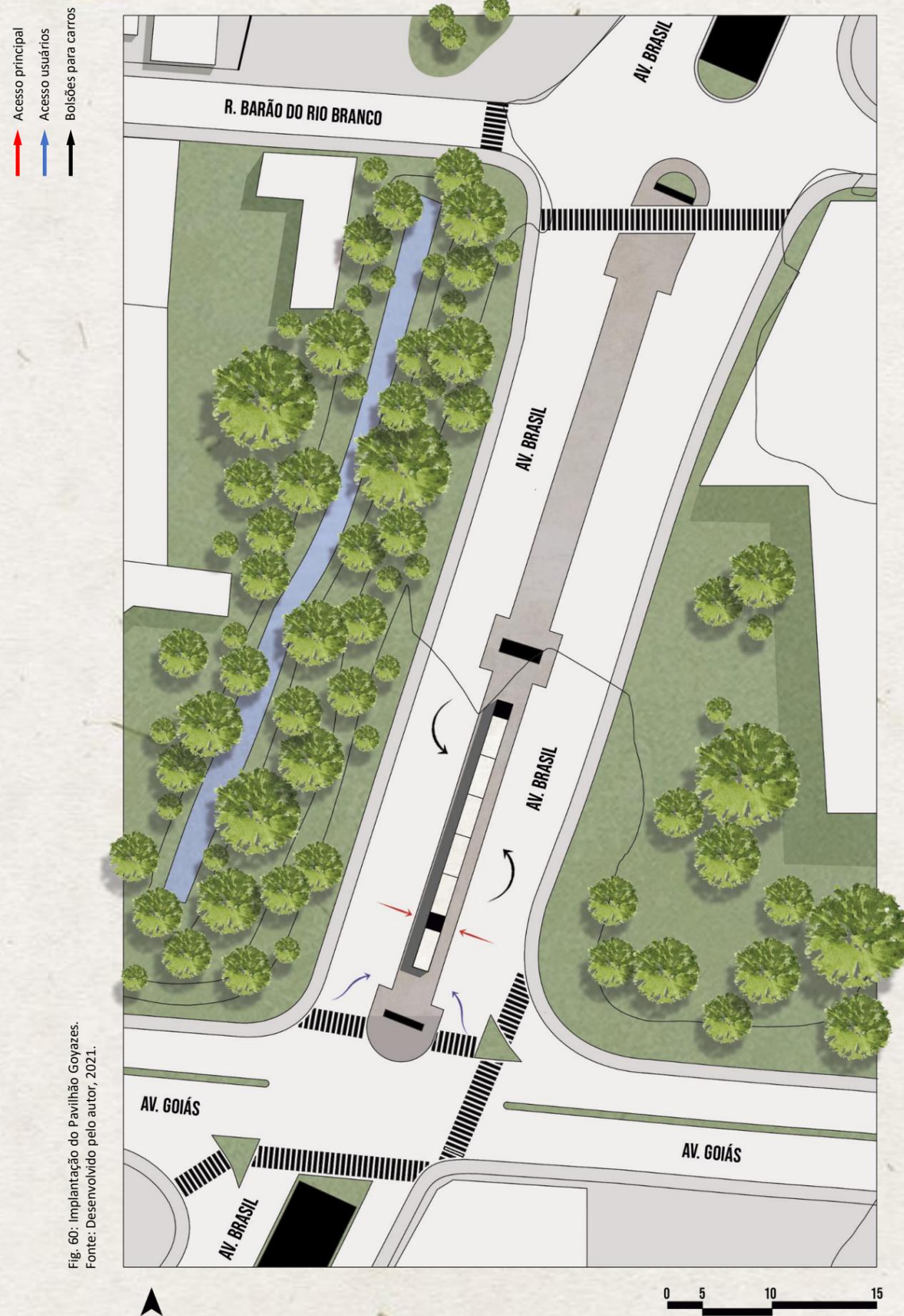
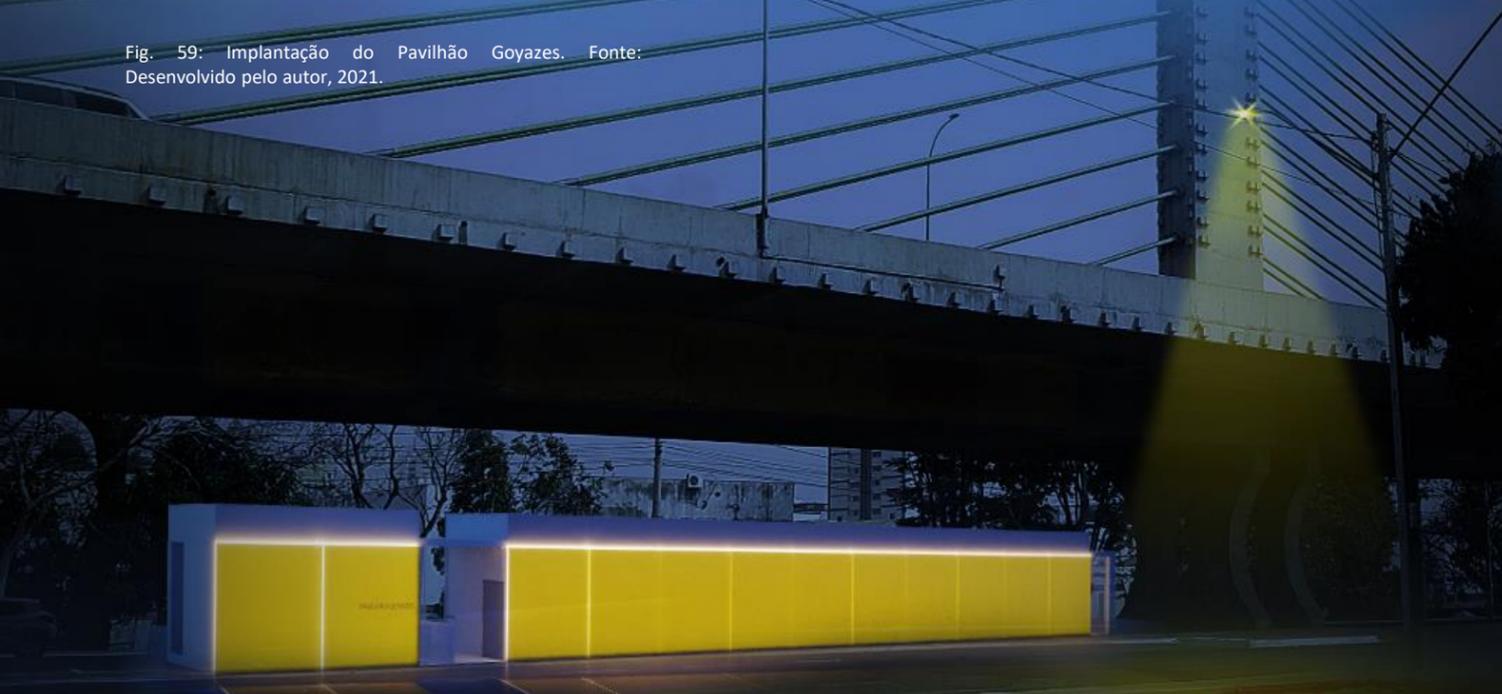


Fig. 60: Implantação do Pavilhão Goyazes. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2021.

A Prefeitura de Anápolis aposta na agenda cultural da cidade e realiza diversos eventos ao longo do ano. O aniversário da cidade é um dos principais eventos e conta com uma grande infraestrutura para sua comemoração, dessa forma a modulação 100% pré-fabricada de fácil montagem, desmontagem e transporte, permite que o pavilhão possa migrar para outros terrenos ou até exposições nacionais e internacionais, em caminhões, guas ou totalmente desmontado em partes menores e montados no lugar desejado, mantendo sua configuração original ou ampliando para novas configurações conforme a necessidade do local suas exposições interativas e elevando o acesso a cultura a todos.

O percurso da exposição (fig. 00) acontece do macro para o micro, iniciando com o Bloco Índio que aborda questões relacionada a cultura indígena já presente antes da colonização portuguesa. O Bloco Imigração contempla os 7 principais países e suas influências à cultura brasileira. Seguido pelo Bloco Brasil que abrange as representações culturais das 5 regiões do país, com as especificidades e pluralidades de cada localidade. Finalizando com o Bloco Goyazes que implica à finalização da construção do território goiano e a construção da cidade de Anápolis e suas manifestações culturais e folclóricas.

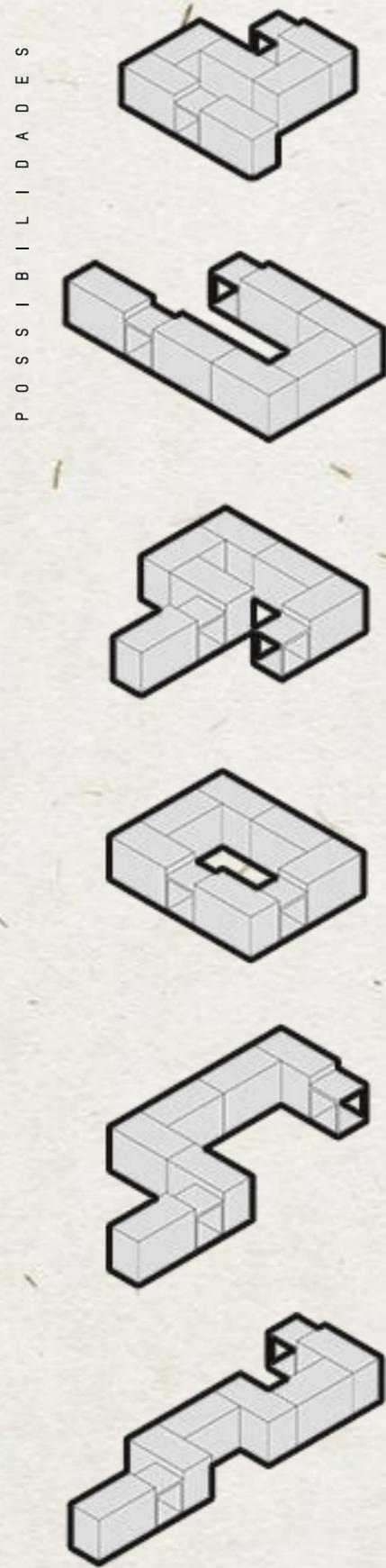
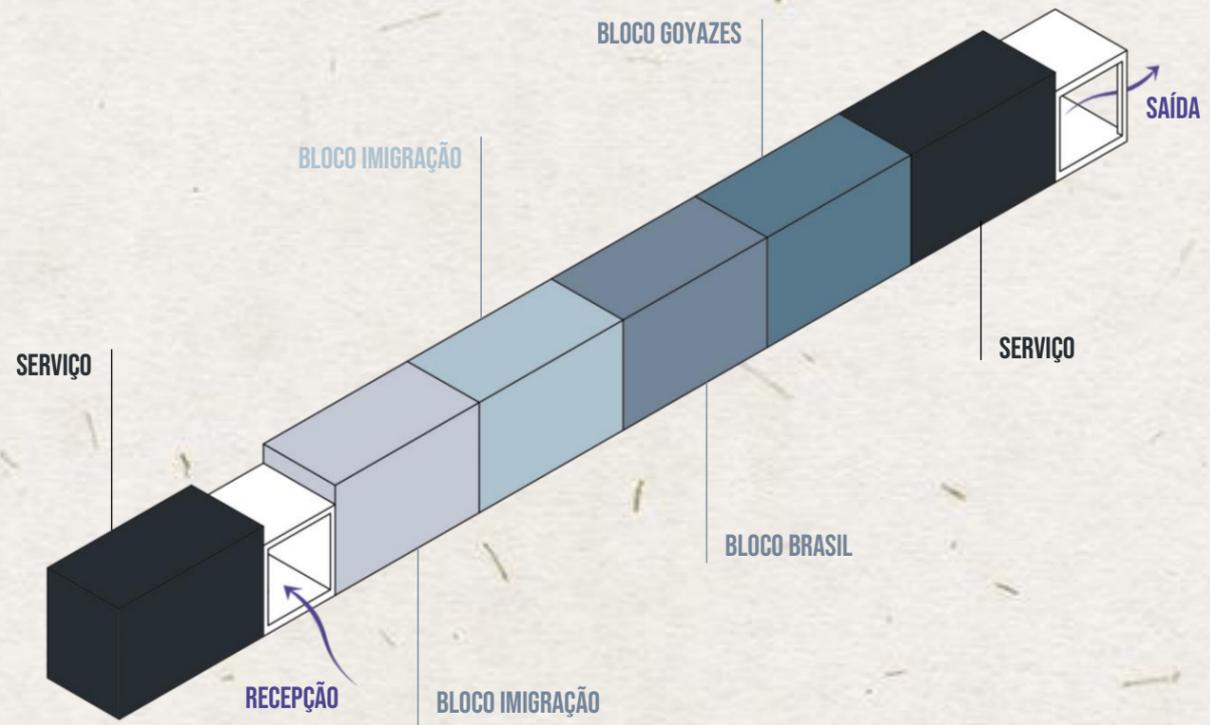


Fig. 61: Diagrama de possibilidades formais. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.



Planta layout

Fig. 62: Planta pavilhão. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.



Fachada lateral

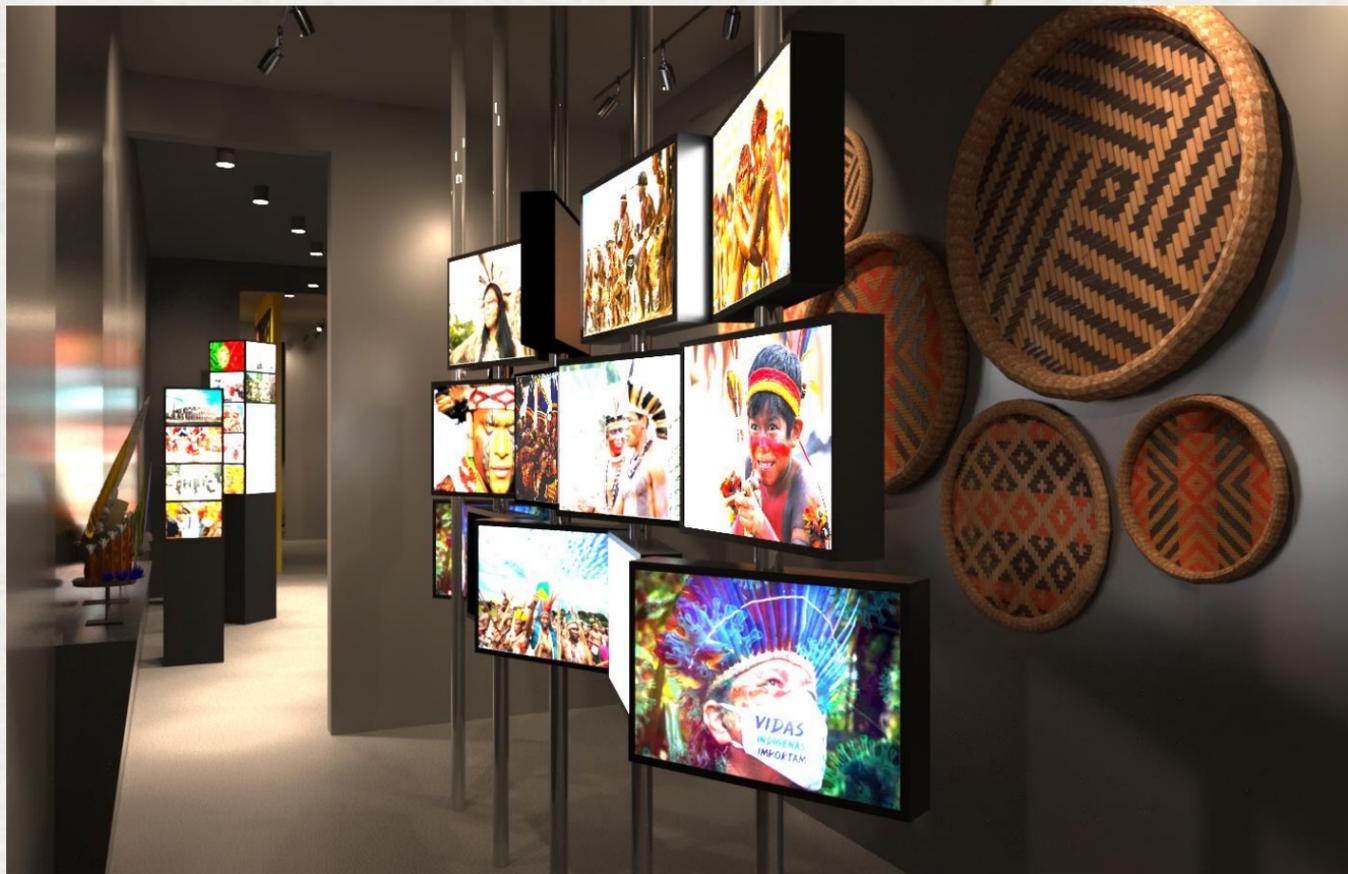
Fig. 63: Fachada pavilhão. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.



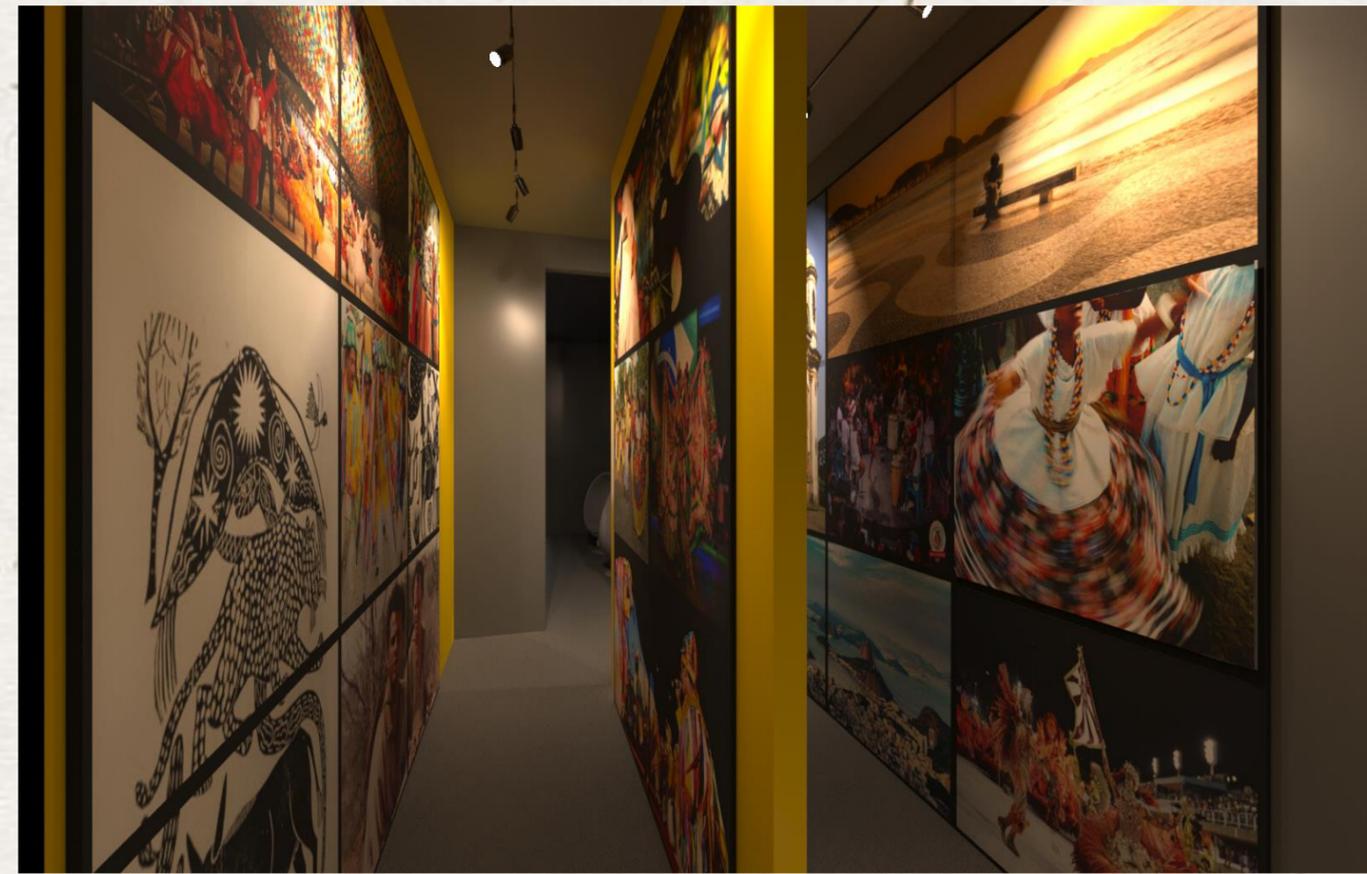
Corte AA

Fig. 64: Corte pavilhão. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.

Exposição Bloco Índio



Exposição Bloco Brasil



Exposição Bloco Imigração



Exposição Bloco Goyazes



Fig. 65 e 66: Desenvolvidas pelo autor, 2022.

Fig. 67 e 68: Desenvolvidas pelo autor, 2022.

Pensado a partir da arquitetura modular, o pavilhão tem em seu corpo 8 módulos onde 4 se aplicam as áreas de serviço necessárias para o funcionamento do programa proposto (tabela 02) e os outros 4 módulos comportam as exposições interativas que vão se alterando ao longo do percurso, de forma atrativa e interativa a fim de despertar o interesse dos usuários de o frequentar, uma exposição projetual sistemática, tecnológica e empírica, colocada espaços compactos para até 5 visitantes, explorando a cultura goiana em alta performance tecnológica.

O sistema construtivo adotado será o steel frame (figura 69) pela sua praticidade, eficiência e rapidez de montagem, flexibilidade de modulação, baixo custo e sustentabilidade, mantendo a obra limpa e sem muitos resíduos, tudo isso em comparação à alvenaria convencional. Outro ponto positivo é a possibilidade de instalação de novos módulos mesmo depois da finalização do projeto, pois a modulação e o sistema construtivo permitem essa

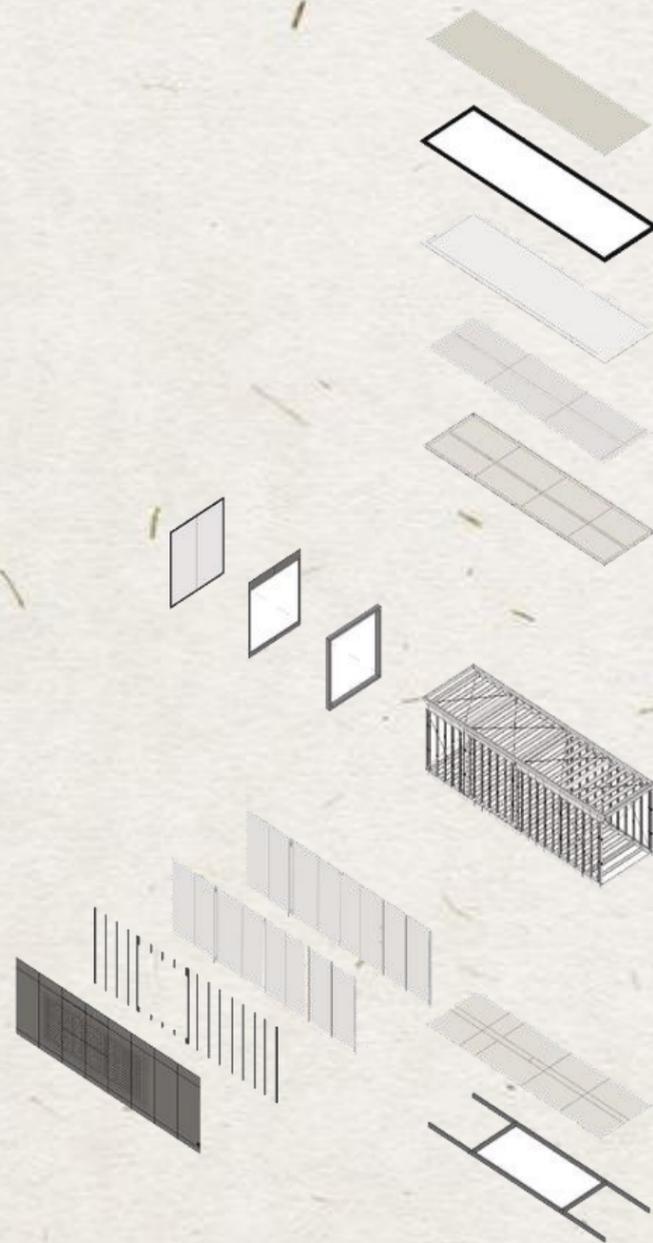


Fig. 69: Axonometria explodida de um módulo. Fonte: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-176781/minimod-slash-mapa>> ISSN 0719-8906

SETOR	AMBIENTE	ATIVIDADE	PERMANÊNCIA	NUMERO DE USUÁRIOS	UNIDADE	ÁREA ÚTIL	ÁREA TOTAL
	Recepção	Controle de acessos	Prolongada	1	1	9 m ²	11 m ²
	Depósito	Armazenamento	Transitória	1	1	9,36 m ²	12 m ²
	Área de exposição	Exposições permanentes	Prolongada	5	1	64 m ²	83 m ²
	Sanitários	Higiene	Transitória	1	2	5,44 m ²	7 m ²
	Copa	Descanso funcionários	Transitória	2	1	4,08 m ²	5 m ²
	Antecâmara	Saída	Transitória	1	1	6 m ²	8 m ²
Total:							126 m²

Tabela 02: Pré dimensionamento do programa proposto para o Pavilhão Goyazes. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2021.

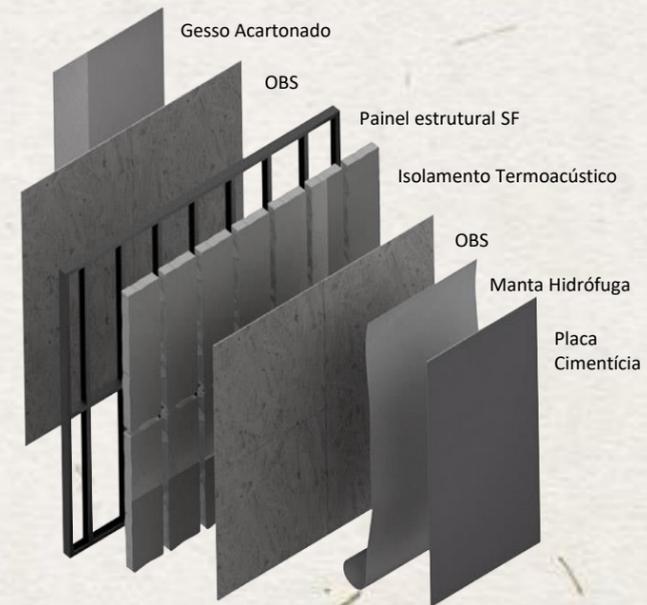


Fig. 70: Detalhe do sistema construtivo steel frame com placa cimentícia. Fonte: <http://www.riodivisorias.com.br/steel.html>

ampliação de cada módulo ou agregar novos módulos. Comportando todo o programa de necessidades proposto com a possibilidade de expansão para novas exposições.

Dentre a variedade de vedações externas, o material escolhido foram as placas cimentícias (figura 70) que apresentam boa resistência e mantem a unidade entre as edificações do circuito cultural, bem como as placas de acrílico iluminadas internamente a noite destacando a edificação como um todo, funcionando também como um luminoso ponto de referência na cidade.



Fig. 71: Área de intervenção projetual. Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA - RELIGAR

Fig. 72: Terreno analisado para a implantação do Centro de Memória e Cultural - RELIGAR. Fonte: Arquivo pessoal, 2021.



5.5. Centro de Memória e Cultura - RELIGAR

A última parada do pequeno trecho se dá no Centro de Memória e Cultura – RELIGAR, onde se encontra a maior parte de atividades culturais do percurso.

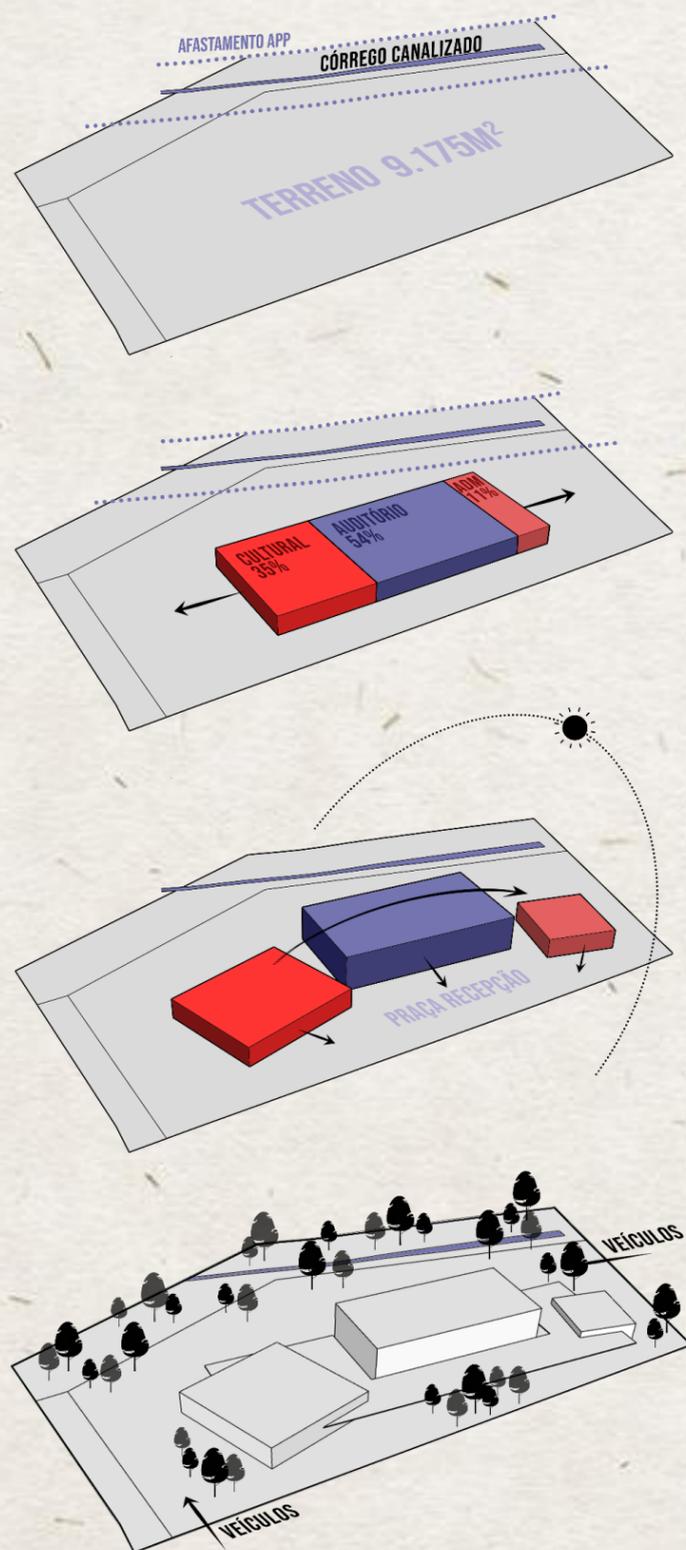
Inserido em um terreno que apresenta características semelhantes ao primeiro pavilhão, onde aplica-se também a Lei de nº 128/06 com os afastamentos necessários para APP, como ponto de partida para a concepção da edificação.

Um volume prismático simples foi inserido na área disponível para construção de edificações, de forma linear, contendo 2.003m² extraídos do programa de necessidades

A partir da análise da incidência solar e funcionalidade dos programas, foi necessário a separação em blocos para melhor aproveitamento do percurso e circulação na área que abrigará diversas atividades culturais e administrativas, girando em torno da praça de recepção na fachada principal do terreno, voltada para a Avenida Brasil Sul.

Uma cobertura foi pensada a fim de ligar todos os blocos gerando pátios cobertos e descobertos, bem como uma circulação protegida das intempéries do tempo, com potencialidade de captação e reaproveitamento de água pluvial.

Fig.73: Diagrama da concepção formal da edificação. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2021.



Os acessos principais, tanto de veículos quanto de pedestres, se dão pela Avenida Brasil Sul e pela Travessia Jean-Jacques Wirth, facilitando o acesso dos usuários que utilizam transporte público com

um ponto de ônibus a menos de 50 metros da edificação. Se mantendo planta em toda a sua extensão com um caimento mínimo na área do estacionamento de 2,8%.

Fig. 74: Implantação do Centro de Memória e Cultura - RELIGAR. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2021.



- Acesso principal
- Acesso usuários
- Acesso veículos

A distribuição em blocos permite uma permeabilidade visual entre as edificações, possibilitando que os usuários sempre estejam em contato com o fundo de vale, mesmo que de forma indireta, os blocos dispostos de forma a se abrirem para o córrego canalizado, aproveita a predominância dos ventos nessa direção e se mantem envolvidos pela natureza. Paralelo a isso, as edificações também abraçam a praça de recepção, geram a circulação fluida entre os blocos e a criação de pátios externos cobertos e descoberto, onde acontecerão atividades e exposições dentro e fora das salas, permitindo uma interação maior entre os usuários e despertando a curiosidade dos mesmos em participar das dinâmicas disponíveis no local ou até mesmo propor novas dinâmicas e interações.

Fig. 75: Centro de Cultura e Memória RELIGAR. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.



O programa disposto em blocos contempla toda área de apoio aos fazedores de cultura em Anápolis, bem como locais apropriados para exposição desses trabalhos produzidos. A praça coberta que recebe os visitantes gera um espaço cultural, interativo e democrático onde qualquer pessoa possa usufruir a qualquer momento do dia, com o intuito de acolher, movimentar e descontraír a área com atividades culturais e de lazer, desconectando a característica predominante de galpões comerciais presentes hoje na Avenida Brasil sul e norte, além de melhorando consideravelmente a qualidade de vida local com um espaço de respiro na região.

O programa de necessidades (tabela 03) foi pensado de forma a auxiliar as atividades culturais já existentes na cidade, que quase sempre não supre as necessidades de quem as produz. Dessa forma o programa contempla salas e áreas expositivas, bem como espaços multiuso a fim de atender a todas as demandas atuais e as que virão, bem como um amplo auditório que comporta cerca de 351 pessoas, para apresentações, palestras, peças de teatro, dentre outras atividades importantes para o exercício e divulgação da cultura.

SETOR	AMBIENTE	ATIVIDADE	PERMANÊNCIA	NUMERO DE USUÁRIOS	UNIDADE	ÁREA ÚTIL	ÁREA TOTAL
	Vestíbulo	Recepção de pessoas	Prolongada	Variável	1	20 m ²	24 m ²
	Administração I	ADM Centro Cultural	Prolongada	1	1	15 m ²	18 m ²
	Administração II	ADM Pavilhões 1 e 2	Prolongada	1	1	15 m ²	18 m ²
	Arquivo	Armazenamento de arquivos	Transitória	1	1	10 m ²	12 m ²
	Sanitários	Higiene	Transitória	2	2	10 m ²	20 m ²
Total: 82 m²							
	Salas Multiuso	Multiuso	Prolongada	30	6	60 m ²	432 m ²
	Espaço Multiuso	Multiuso	Prolongada	50	1	100 m ²	120 m ²
	Área de exposição	Exposições	Prolongada	Variável	1	100 m ²	120 m ²
	Sanitários	Higiene	Transitória	4	2	15 m ²	36 m ²
	Pátios internos	Interação	Transitória	Variável	1	50 m ²	60 m ²
Total: 768 m²							
	Foyer	Área de espera	Transitória	Variável	1	60 m ²	72 m ²
	Camarins	Preparação	Prolongada	20	2	30 m ²	72 m ²
	Palco	Apresentações	Prolongada	Variável	1	160 m ²	192 m ²
	Auditório	Auditório	Prolongada	390	1	600 m ²	720 m ²
	Cabine de som	Controle sonoro	Prolongada	2	1	15 m ²	18 m ²
	Sanitários	Higiene	Transitória	3	4	20 m ²	96 m ²
Total: 1.170 m²							
	Café	Comércio	Prolongada	15	1	80 m ²	96 m ²
	Copa	Descanso funcionários	Transitória	3	1	10 m ²	12 m ²
	DML	Deposito de materiais de limpeza	Transitória	1	2	5 m ²	12 m ²
	Depósito	Depósito de materiais	Transitória	1	2	10 m ²	24 m ²
	Estacionamento	Guarda de veículos	Variável	150	1	-	-
Total: 144 m²							

Tabela 03: Pré dimensionamento do programa proposto para o Centro de Memória e Cultura – RELIGAR. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2021.

Os programas de cada bloco, somando aos outros dois pavilhões, se complementam dentro desse micro cosmo cultural gerando alguns espaços democráticos na cidade.

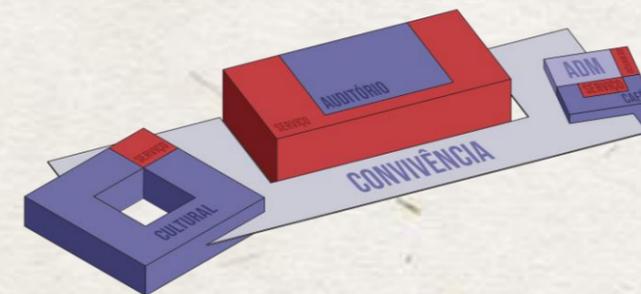


Fig. 76: Diagrama de programa. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.

A partir dos estudo de demanda de vagas de estacionamento para o programa proposto, fez-se necessário cerca de 88 vagas disponíveis para atender principalmente o auditório, na atual proposta estão disponíveis 108 vagas no total que atendem a todo programa.

Todos o blocos recebem as telhas sanduíche como cobertura principal, em alguns momentos se fez necessário o uso de lajes impermeabilizadas ou aberturas para pátios internos para melhor vivência dos espaços interno ou volumetria externa.

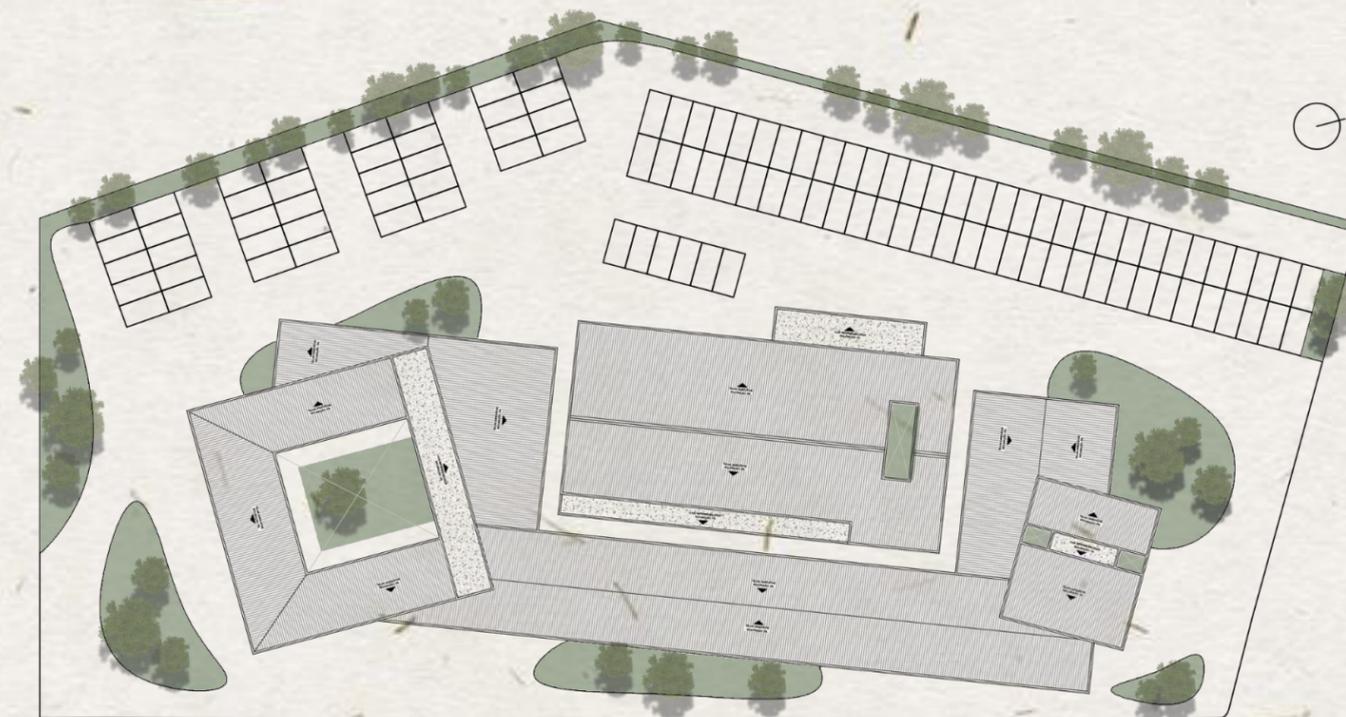
As salas multiuso (bloco 1) possibilitam a realização de diferentes atividades em um mesmo ambiente, atendendo cada área cultural com a

possibilidade de expansão das salas por meio das divisórias articuladas Wall System série 600 FIT que podem ser recolhidos potencializando o uso e integração da sala e mantando o conforto acústico quando fechada.

O pátio central descoberto gera um espaço de convivência democrático onde os fazedores de cultura poderão interagir e gerar essa troca importante dentro do cenário cultural, o começo da interculturalização.

A área expositiva pode abrigar tanto as obras produzidas no local quanto funcionar como as salas multiuso quando não estiver exercendo seu papel inicial, potencializando ainda mais seu uso.

Fig. 77: Centro de Cultura e Memória RELIGAR. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.



Planta Cobertura

Fig. 78: Planta de cobertura. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.

LEGENDA BLOCO 1

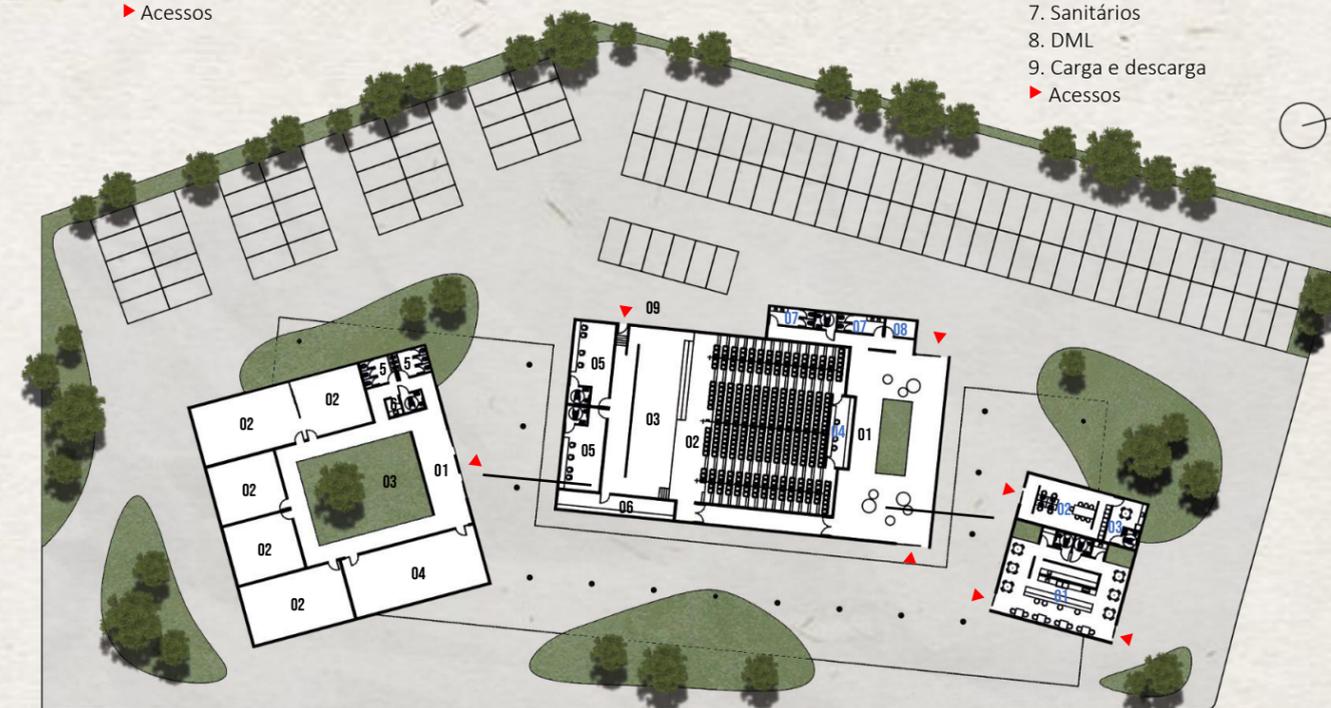
- 1. Hall
- 2. Salas multiuso
- 3. Pátio descoberto
- 4. Sala de exposição
- 5. Sanitários
- 6. DML
- ▶ Acessos

LEGENDA BLOCO 2

- 1. Café
- 2. Administração
- 3. Copa
- ▶ Acessos

LEGENDA BLOCO 3

- 1. Foyer
- 2. Auditório
- 3. Palco
- 4. Cabine de som
- 5. Camarins
- 6. Depósito
- 7. Sanitários
- 8. DML
- 9. Carga e descarga
- ▶ Acessos



Planta Implantação e layout

Fig. 79: Planta Centro de Memória e Cultura RELIGAR. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.

O Auditório Tropeiros (fig. 82 e 83) se apresenta como uma das principais edificações do Circuito Cultural, onde serão apresentadas todas as produções culturais feitas no bloco vizinho. Comportando 351 pessoas já prevendo espaços adequados para pessoas com mobilidade reduzida, o

auditório também conta com tratamento acústico com forro absorvente, portas, pisos, paredes e teto com isolamento acústico a fim de trazer um melhor conforto ambiental, bem como garantir a flexibilidade da sala para se adaptar aos diversos usos que ocorrerão conforma as demandas futuras.

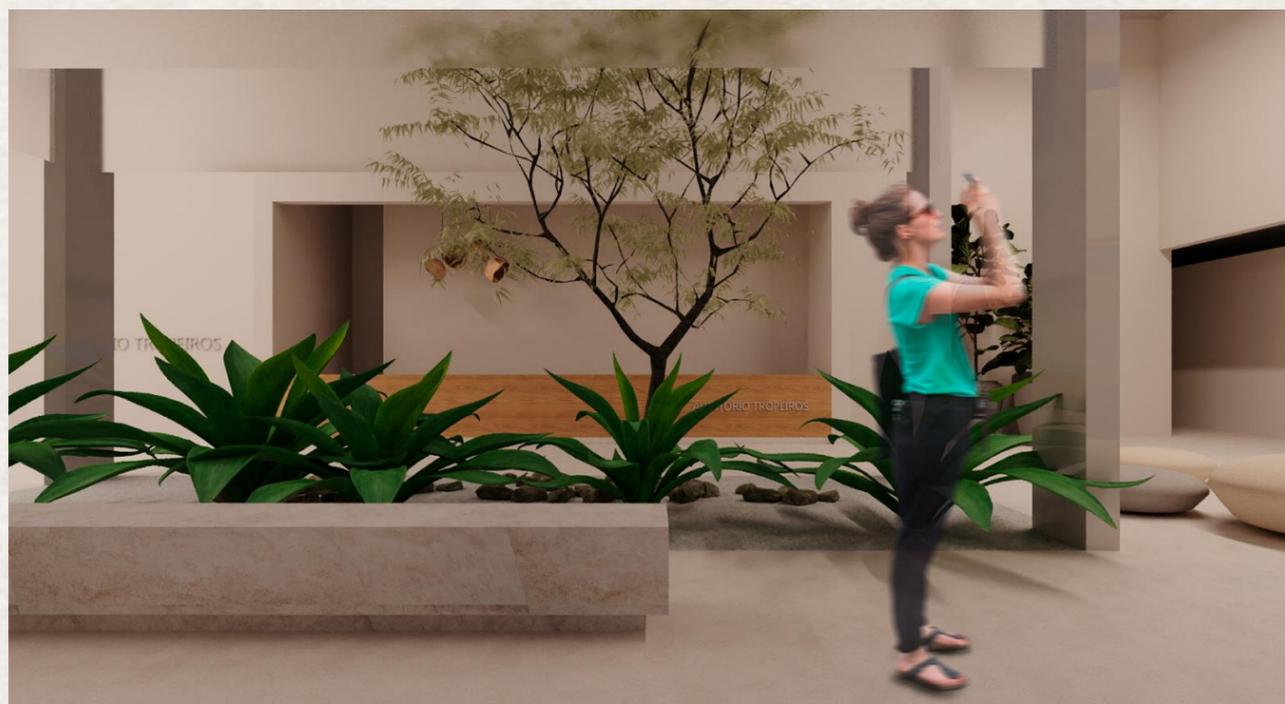
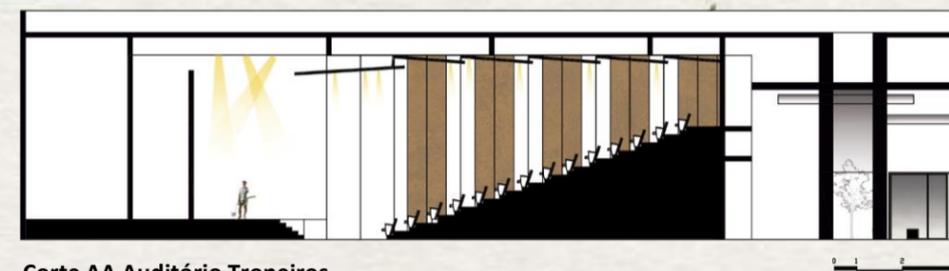


Fig. 80 e 81: Foyer Auditório Tropeiros. Fonte: Desenvolvida pelo autor, 2022.

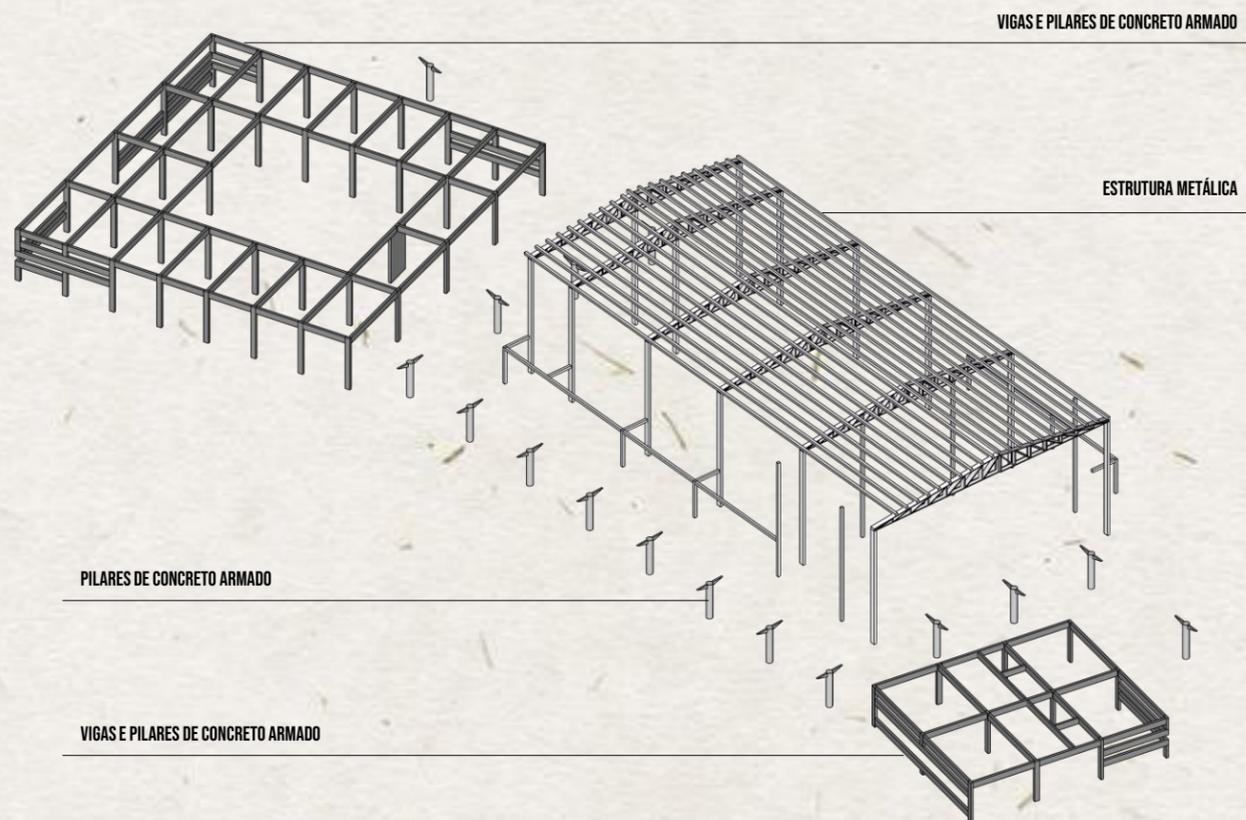


Corte AA Auditório Tropeiros
Fig. 82: Corte AA. Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2022.



Fig. 83 e 84: Auditório Tropeiros. Fonte: Desenvolvida pelo autor, 2022.

Fig. 85: Diagrama estrutural. Fonte: Desenvolvida pelo autor, 2022.



O sistema construtivo adotado para bloco 1 foi o concreto armado tanto para viga quanto para os pilares, reforçando os vãos necessários para as salas multiuso bem como a possibilidade de vigas de transição pelos pilares a fim de criar as aberturas lineares nas fachadas. A vedação se por blocos de concreto com as dimensões 19x14x39cm que auxiliam no conforto ambiental, principalmente o acústico, importante para a privacidade e realização de ensaios ou oficinas simultâneas. Essa mesma materialidade e estrutura foi replicada em

menor escala no bloco 3, conforme as necessidades do projeto que abriga o café e a parte administrativa. A estrutura da praça coberta também acontece a partir de pilares de concreto armado.

Para o bloco 2, o Auditório Tropeiros foi adotado estrutura metálica treliçada pela necessidade de um grande vão livre para realização das atividades culturais. A edificação também é vedada com blocos de concreto 19x14x39cm garantindo a rigidez e conforto necessários para o projeto.

- Bibliografia consultada
- Apêndice A

6. REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- ANA Mae – *Seminário Arte, Cultura e Educação na América Latina (2018)*. Direção: Eduardo Saron. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CIEbe86yjk>. Acesso em: 6 nov. 2019.
- BRANDÃO, C. R. *O que é o folclore*. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), 1982.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidade*. Barcelona: Gedisa, 2004.
- FERNANDES, Florestan. *Folclore em questão*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FLEURI, Reinaldo Matias, in *Palestra Proferida no V Colóquio Internacional Paulo Freire -2005*. www.paulofreire.org.br/Textos/fleuri_2005_recife_resumo_e_texto_completo.pdf
- FRACALOSSI, Igor. "Clássicos da Arquitetura: Pavilhão Philips Expo 58 / Le Corbusier e Iannis Xenakis" 28 Abr 2013. ArchDaily Brasil. Acessado 7 Set 2021. <<https://www.archdaily.com.br/br/01-110968/classicos-da-arquitetura-pavilhao-philips-expo-58-slash-le-corbusier-e-iannis-xenakis>> ISSN 0719-8906
- GUIMARÃES, J. Gerardo M. *Repensando o folclore*. São Paulo: Manole, 2002.
- HISTÓRIA de Goiás. Goiás: Governo de Goiás, 3 ago. 2021. Disponível em: <https://www.goias.gov.br/conheca-goias/historia.html>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- IBGE. Anápolis. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html>. Acesso em: 21 agosto. 2021.
- PELÁ, M. C. H. Mapa cultural de Goiás. *Ateliê Geográfico*, v. 2, n. 1, 2008, p. 162-168.
- POLONIAL, Juscelino. *Introdução à história política de Anápolis (1819-2007)*. Anápolis, edição do autor. 2007.
- QUEIROZ, Ana: *Circuito Cultural – RELIGAR*. [Entrevista concedida a] Bruno Pimentel Lopes. Anápolis. Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso "Circuito Cultural – RELIGAR". Entrevistada 30 set. 2021.
- RAMOS, Eucarice S. *História de Anápolis – O começo*, 2013. Disponível em: <https://www.catolicadeanapolis.edu.br/anaissic/wp-content/uploads/2013/06/HIST%3%93RIA-DE-AN%3%81POLIS.pdf> Acesso: 10 set. 2021.
- ROCHA, Rauane. Anápolis terá nova feira a partir deste sábado. *In: Anápolis terá nova feira a partir deste sábado*. Anápolis GO, 5 ago. 2020. Disponível em: <https://sagresonline.com.br/anapolis-tera-nova-feira-a-partir-deste-sabado/>. Acesso em: 22 ago. 2021
- VASCONCELOS Luciana Machado de. *INTERCULTURALIDADE*, 2015.
- ZANATTA, B. A. *Abordagem Cultural Na Geografia. Temporis(ação)*, v. 1, n. 9, p. 249- 262, 2007.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- GOMES, Jéssica Dafico Moreira da Costa. *O antagonismo entre a aplicação das normas ambientais e a proteção ambiental no córrego água fria em Anápolis-GO*. Orientador: Adriana Aparecida Silva. 2020. Dissertação de Mestrado (Mestre em Ciências Sociais e Humanidades) - Programa De Pós-Graduação Ciências Sociais e Humanidades, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis GO, 2020. Disponível em: https://www.bdtd.ueg.br/bitstream/tede/356/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o_J%C3%89SSICA_DA_FICO_MOREIRA_DA_COSTA_GOMES.pdf. Acesso em: 13 ago. 2021.
- NASCIMENTO, SILVA, SANTOS , Diego T. F., Isabela Ferreira, Nicali B. F. Aspectos da cultura do estado de Goiás. *Revista Sapiência*, [S. l.], v. 5, p. 1-15, 19 mar. 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/5941>. Acesso em: 5 ago. 2021.
- SOUZA Eduardo. *"Um museu sobre o plástico, de plástico, e que será completamente reciclado"* 06 Jun 2021. ArchDaily Brasil. Acessado 11 Ago 2021. <<https://www.archdaily.com.br/br/961564/um-museu-sobre-o-plastico-de-plastico-e-que-sera-completamente-reciclado>> ISSN 0719-8906.
- VELOSO Nonato – *Centro Cultural ADUnB 17 Out 2018*. ArchDaily Brasil. Acessado 10 Ago 2021. <<https://www.archdaily.com.br/br/904025/centro-cultural-adunb-nonato-veloso>> ISSN 0719-8906.

APÊNDICE A – Entrevista: O Cenário Cultural Anapolino com Ana Queiroz.

Tema: Circuito Cultural – RELIGAR.

Objetivo: Compreender o panorama cultural atual da cidade de Anápolis a partir das suas conquistas passadas.

Método de recolha de dados: realização de entrevista no terreno por Bruno Pimentel Lopes.

Após o compromisso de realização da entrevista em termos de momento, espaço e uma breve apresentação do projeto de conclusão de curso, não esquecendo de solicitar a gravação da entrevista e de possíveis citações futuras da conversa, passou-se à sua realização que se transcreve a baixo.

Entrevistador: Qual o seu nome completo?

Entrevistada: Eu me chamo Ana Maria Paulino de Queiroz Frederico, nome artístico Ana Queiroz.

Entrevistador: Você se importa de dizer a sua idade?

Entrevistada: 62.

Entrevistador: Você nasceu em Anápolis?

Entrevistada: Sim, eu nasci em Anápolis.

Entrevistador: E hoje, qual o seu local de trabalho?

Entrevistada: Olha, eu comecei muito nova no teatro, comecei aos 14 anos a fazer teatro, nós começamos na Igreja Presbiteriana e logo eu conheci o Antônio de Honorato Aguiar que era um diretor que veio de Belo Horizonte para Anápolis, e aí nós montamos o Grupo Teatral do Sesc o GTS, ali nós começamos a trabalhar. 15 para 16 anos eu já tinha minhas necessidades “eu quero trabalhar, quero ganhar dinheiro” e aí comecei a trabalhar no Correio do Planalto como repórter, conhecia o Godofredo de Sandeval Batista que era o diretor do jornal e comecei ali como repórter, naquela época eu ganhava muito bem, mais de um salário e hoje a Bolsa Cultura e o Jovem aprendiz é meio salário, mas na minha época era até mais que um salário.

A gente fazia teatro no Sesc, era na R. 14 de Julho e eles compraram esse terreno aqui no Jundiá que hoje é o Sesc, então teve a construção e não tinha como a gente permanecer lá no Senac, por que nosso vínculo era com o Sesc, aí nós subimos aqui para o Sesc, já tinha uma base, uma sala, era só mato, mas mesmo assim nós viemos e foi construído o auditório, mas como estava em construção, nós ensaiávamos no Centro Cultural que é a Prefeitura hoje, lá não é a Prefeitura, lá era para ser um Espaço Cultural que foi construído pelo Henrique Santillo que na época era o prefeito. Depois como nós éramos área de segurança nacional, nós não votávamos, eram prefeitos nomeados e aí a gente participou dos movimentos Pró Anistia, Pró Constituinte, Diretas Já, na época que veio a Base Aérea para Anápolis, mas com a luta nós tivemos o direito de voto, nós elegemos o primeiro prefeito que era Anapolino de Faria, eu era adolescente, 16 ou 17 anos. Nós tínhamos um grupo de teatro que era muito grande, mais ou menos 28 ou 30 pessoas, era o grupo que brotou na época, por que tinha os grupos da velha guarda, tinha um grupo de teatro que era num circo operário, eles faziam sarau= lá no Museu Histórico de Anápolis, né?! E nós éramos a nova geração, e tínhamos essa coisa de contato com o eixo Rio São Paulo, então meu sonho era ir para Globo, e fui, tive essa oportunidade, só que, nós tínhamos uma conexão com Brasília, um intercâmbio cultural com Brasília, tínhamos grandes teatrólogos como Hugo Roda,

Humberto Predrancini e outros, e aí a gente pôde crescer em relação ao que havia em Anápolis, o que havia era a velha guarda, tinha também o rápido teatro que ficava ali na Rádio Carajá, e a gente totalmente ricos com tanta coisa, a gente pegou a velha guarda que nos dava respaldo, a gente pegou essa coisa do rádio teatro, o intercâmbio com o eixo Rio São Paulo, e aqui Anápolis, Goiânia e Brasília, então a gente também tinha essa conexão com Goiânia, que tinha os grupos, os teatros e em Anápolis nós não tínhamos um teatro, nós tínhamos auditórios, não tínhamos essa estrutura e não temos até hoje, temos o Teatro Municipal, onde foi feita uma adaptação por nós artistas, quando Anapolino entrou em 1983, nós pedimos para que a prefeitura nos adotasse, já tinha a escola de música (a EMA) e a escola de artes, aí idealizamos a escola de teatro e conseguimos, pensamos e levamos para a Câmara, como nós tínhamos essa conexão com Goiânia, Brasília, eixo Rio São Paulo, vimos que a gente precisava de infra nos teatros, e ali no Centro Cultural tinha o teatro mas era só um elefante branco, não funcionava nada, era um buraco, não tinha cadeira, não tinha nada. Nós tínhamos um auditório na Escola Professor Faustino, ensaiávamos lá e íamos para o elefante branco e ali já tinha a estrutura do prédio, mas não tinha nada.

Entrevistador: As salas já estavam ali?

Entrevistada: As salas não, era só as pilastras, o telhado e a gente ficava ali no hall do teatro, no foyer, ficávamos ensaiando na Praça do Ansião, no sol, na chuva. Então o Anapolino veio para o Centro Cultural e nos deu a incumbência da reforma junto com os engenheiros e arquitetos, todos jovens, mais velhos que nós, mas jovens e pensamos em reformar o teatro, quebramos a pilastra para se tornar uma adaptação do teatro italiano. No fundo tinha um banheiro grande que derrubamos e fizemos uma sala que hoje são duas salas em cima dos camarins e ali era para ser a escola de teatro, mas quando terminou a reforma vimos que parecia com uma escola de dança, aí nós “vamos montar a escola de dança?” e falamos com o diretor de cultura, Laudo Plugisi e a coordenadora Maria Amélia Sardinha e era muito aberto a nova geração, eles oportunizavam para nós pensarmos e realizarmos e assim o fizemos, criamos a escola de dança, a de teatro, fomos para a Câmara Municipal de Anápolis, na época foi o vereador Dari Sardinha que oficializou as escolas. E nós ficamos “a ver na vida”, ficamos sem escola, sem espaço, usando salas até que nós fomos para uma academia que, para o teatro era muito legal na época na R. Tônico de Pina, nº 200, lembro até o número, ali ficamos com a escola de teatro por um bom tempo e depois fomos para Praça Bom Jesus na parte de cima, depois mudamos para uma casinha de madeira na Av. Goiás com a Av. Contorno, depois fomos para o Feirão do Jundiá, sempre sem espaço, até que em 2009 a escola de dança também teve que sair de lá por que era muito grande o número de pessoas e foram para o Feirão do Jundiá, e nós estávamos na Praça Bom Jesus onde houve uma reforma para Galeria de Artes Antônio Sibasolly que ela sai do hall do Teatro Municipal e vai para a Praça Bom Jesus, e voltamos para o Espaço Cultural, no fundo do Teatro Municipal, e depois nós fomos para a Av. Contorno em 2010 e ficamos lá até 2017, agora estamos na R. Pereira do Lago.

Quando criamos a escola de dança e de teatro pensei “e agora, como vamos trabalhar com esse tanto de gente?” e na época, com 17 anos, criamos o concurso para professores de artes e esse concurso foi utilizado para contratar os profissionais. Na escola de artes, de música não eram profissionais, eram pessoas, funcionários públicos que por acaso tocavam, como Dona Lolo escritora, Dona Laurentina Murici Medeiros, a Dona Nena que era da escola de artes, uma artista plástica. Inauguramos a escola de teatro e de dança em 1984, veio a professora Marli, professora de dança e a professora Cida Lino, assim nos tornamos professoras, estou aqui até hoje, 39 anos

na prefeitura, mas com o passar do tempo me tornei produtora, trabalhei 28 anos na Art Way, uma empresa de eventos e entretenimento de Brasília e que rodava por todo o Brasil, fiquei tomando conta do Centro-Oeste e sempre trabalhei na área cultura.

Me perguntam “você foi para a Globo?” e eu digo que não, eu tive a oportunidade, um amigo nosso foi para o Rio e fez amizade com os produtores e eu fui fazer um teste, só que conheci meu marido com 17 para 18 anos e acho que nós não precisamos sair de Anápolis, Anápolis é de uma riqueza grandiosa no que se refere ao artista, a arte, o nosso problema é que as pessoas as vezes não entendem o processo cultural e as vezes vem políticos, governos, prefeitos, vereadores, que não entendem o que é cultura, aí vem as dificuldades, mas no teatro, na arte de modo geral, é muito rica, nós temos grandes artistas que galgaram voo fora de Anápolis, foram ou para o eixo Rio São Paulo, até para o exterior, e Anápolis é muito rica, principalmente no cenário da música, nós temos muitos músicos, grandiosos, na área do teatro, dança, circo e agora nós migramos para o audiovisual, onde tivemos a oportunidade de ter o maior festival de cinema, conhecido nacional e internacionalmente, pois nossas áreas, nossas linguagem são conhecidas, a primeira mostra de teatro de Anápolis que criamos junto a escola de teatro, foi criada pelo Antônio de Honorato Aguiar, que era aquele diretor de Belo Horizonte que veio como jornalista e ele criou a mostra, aí ficou um tempo sem edição e quando voltamos para a prefeitura em 1989, aconteceu a segunda mostra de teatro, aí ela se torna um evento do município e dentro da escola de teatro nós temos o EvoETA que é um evento interno, criamos a CAT (Companhia de Anapolina de teatro) que era para o ator sair da escola e estar compondo a CAT, hoje mudaram as regras, é aberto a comunidade, eu não vejo problema, tem pessoas que tem conhecimento e são atores que não passaram pela escola de teatro, mas eu acordo que seria necessário passar pela escola, essa é a minha história.

Entrevistador: Você disse que começou no teatro com 14 anos. Antes disso, qual foi seu primeiro contato com a cultura que te despertou seu lado artístico?

Entrevistada: Olha, minha mãe era cantora e nós estudávamos no colégio de freiras, no Colégio Santana, ao lado do São Francisco, e meu irmão era muito engajado com o teatro, com as artes, com a cultura. No Museu Histórico tinha os saraus que eram dessa velha guarda, então eu ia lá e ficava deslumbrada com o circo, quando eu entrei e vi aquele vislumbre, aqueles palhaços, pensei “vou fugir com o circo” e o circo ficava na cidade por muitos dias e eu ia em todos, fazia amizade e queria fugir, foi esse meu primeiro contato, com o circo.

Entrevistador: Muito interessante! E o que você entende como cultura hoje:

Entrevistada: Olha, cultura é tudo que abrange a arte, né?! É tudo que extrai, esse conhecimento histórico do fazer, fazedores de arte, esse conhecimento que vai abrangendo várias outras áreas.

Entrevistador: Naquela época você acha que as pessoas se interessavam por esses saraus, por participar desses espaços e viver essas experiências também ou você se considera uma pessoa com sorte por ter tido essa oportunidade de crescer nessa família que tinha essa vocação?

Entrevistada: Não, não, a cultura ela sempre existiu, as músicas... eu particularmente fui criada ouvindo música clássica, Beethoven, Bach, Haydn, mas tinha música sertaneja, música raiz, televisão, quando a pessoa não tinha televisão em casa ela ia no vizinho. Então eu acredito que tudo é uma questão de busca, a pessoa tem que buscar, só que naquela época a gente não era tão preguiçoso, a nova geração tem uma preguiça que é um negócio absurdo, por exemplo, eu tenho três filhos que foram criados praticamente dentro do teatro, sempre acompanhavam tudo

isso, e levei muita gente comigo, como vizinhos, pessoas da minha comunidade, do meu bairro, fazia festas juninas e eu logo preparava uma peça de teatro, se tinha alguém que cantava, eu já colocava pra cantar, então eu acho que isso não é privilégio de uns em detrimento de outros não, eu acho que é questão de busca, agora eu vejo assim, apesar da nossa época as coisas serem mais difíceis, nós não tínhamos as facilidades de hoje, então aquela época você pegava um texto de teatro e era um livro grande, até na escola do ensino fundamental se você não estudar você ia repetir o ano, mas a gente tinha que estudar, tinha não, temos! Então eu sempre fui incentivadora da leitura, do faz de conta, da contação de histórias da cultura e em todas as suas linguagens, mas na nossa época Anápolis não tinha o que tem hoje, hoje tem tudo e as pessoas não vão. Você faz uma oficina de teatro, vai meia dúzia de pessoas, tenho 48 anos de militância na cultura, se tiver uma oficina eu faço, junto com essa nova geração e aprendo. Hoje migrei para o audiovisual, então estou nas plataformas, na minha época a tecnologia era Uou, depois veio o Hotmail, depois o Orkut e hoje você tem acesso a fundos de cultura, acesso a Lei Rouanet, a fundo municipal, fundo estadual, a fundo federal, e tá aí pra quem quiser. Quando alguém diz “não vou deixar meu filho fazer teatro, por que isso não dá dinheiro” eu sempre trabalhei com teatro e sempre ganhei dinheiro e ganho até hoje, a pessoa que quer ela faz. Alguns artistas são mais empresários, eu sou empresária, eu milito mas eu penso no artista enquanto profissional, não como alguém para cantar no meu aniversário e se deliciar com o buffet, isso é uma falta de respeito conosco, nós temos um preço da nossa arte, a valorização do trabalho e é uma profissão como outra qualquer, alias acho a minha melhor que as outras.

Entrevistador: Você comentou sobre essa facilidade com essas iniciativas com a prefeitura, de montar, reformar, criar outras escolas. Como você vê esse cenário hoje?

Entrevistada: Olha, na década de 1980, nós tínhamos direita e esquerda só que as pessoas se respeitavam, eu sempre fui esquerda, mas as pessoas eram mais conscientes dentro do processo político e hoje eu vejo muita a cultura do ódio, sendo hipócritas, é um negócio que eu não aceito e não compactuo. Nossas conquistas estão sendo todas retiradas por um governo que não respeita, que de repente está mais preocupado com o próprio umbigo, isso é uma falta de respeito e tem gente que ainda compactua, as pessoas perderão a noção, o amor, estão sem rumo e de repente virou essa cultura do ódio, e vai piorar. Nesse tempo pandêmico eu pude fazer uma análise grandiosa da falta de conhecimento desse governo, falta de estrutura do próprio povo, isso é uma catástrofe. Estamos em uma guerra híbrida, que não sei onde vai dar, mas vejo com muita preocupação. O problema não está no processo de fazer acontecer, porque hoje nós temos e é lei, Lei Rouanet, Lei Aldir Blanc, Lei Paulo Gustavo que está chegando aí, acho que o próprio artista, próprio militante cultural, o próprio fazedor de cultura, as vezes ele mesmo está confuso, ele tem que ter um lado, o lado do povo, o lado da população, o Presidente da República, os senadores, os deputados, os vereadores, os prefeitos, são funcionários públicos, eu sou uma funcionária pública, eu respeito aquilo que eu faço, nunca deixo de cumprir com minha missão de funcionária pública, assim como se fosse uma empresa particular, a pessoa tem que cumprir, o cargo público não é casa da mãe Joana, quem paga é o povo, então os políticos acham que são donos do processo “eu estou dando...” tá dando nada, eles estão administrando muito mal nosso dinheiro.

Entrevistador: Além de se adaptar para lidar com as mudanças atuais, quais outras dificuldades você vê atualmente?

Entrevistada: Como eu disse antes, Anápolis é rica em mão de obra artística, mas a dificuldade está no estacionamento. Veja, o Teatro Municipal está sendo reformado, mas será usada a iluminação antiga, eu acho que não evolui tecnologicamente, precisamos acompanhar a evolução, veja, tanto as escolas municipais quanto as escolas de artes não tem internet, estamos em pleno século 21, em pleno processo tecnológico, então o que eu vejo de dificuldade é isso, a falta de infraestrutura, tanto é que na pandemia eu enlouqueci, eu poderia aposentar por que já estou no tempo, eu poderia ser madame, mas eu inventei de fazer uma associação pró cultura Santana das Antas, ali vamos ter uma infra para receber o artista, para dar um apoio, um incentivo, de como fazer um projeto para um fundo, como captar uma verba, de como buscar uma verba, por que nós não temos isso em Anápolis, você vai em outros centros e você tem infra, aqui tem particular, mas o artista precisa ele mesmo aprender, tanto que no meu plano de aula de teatro, como professora, é ensinar o ator, a atriz a produzir como diretor, como cenógrafo, como ator, com autor e como vender esse espetáculo. Nós participamos disso lá atrás, éramos da contrarregragem, é o faz tudo, tem que ter conhecimento de tudo, não é só chegar lá e pegar um papel e ir para a atuação, até mesmo no audiovisual eu vejo um erro gravíssimo, onde o ator ou a atriz vai atuar em um filme e nem sabe no nome do filme, então é isso, falta de infraestrutura.

Entrevistador: E como você acha que é o melhor jeito de levar cultura para essas pessoas, principalmente para quem está desinteressado?

Entrevistada: Fazendo cultura, trabalhando a mídia, por que eu já tive essa oportunidade de levar alguém no teatro, em um show, levar pessoas que nunca foram, então você tem que entusiasma-la e incentiva-la, existe isso? Acho que não. Até mesmo o sertanejo que é um gênero que eu não gosto muito, é uma forma de cultura, então acho que as pessoas tem esse conhecimento, agora Anápolis falta muita divulgação. Eu particularmente saio nas redes divulgando a escola de teatro e me comprometo a divulgar as outras escolas e outras formas de cultura, cultura de rua, o teatro encontra o povo, a cultura encontra o povo. Então, por exemplo, uma coisa que acontecia na década de 1980, a gente fazia teatro encontro do povo em cima do caminhão, a gente pegava a carroceria e ia, hoje com o festival de cinema levava o cinema para os bairros, em Anápolis nós temos os IFG que faz um trabalho grandioso a UEG, temos muitas escolas particulares que fazem shows, muita coisa principalmente em relação aos eventos que são patrocinados pelos fundos, que são gratuitos. Hoje não tem essa dificuldade de “não porque não posso pagar”, isso não existe.

Entrevistador: No início da pandemia, aconteceu uma situação de possivelmente fecharem a escola de artes por falta de verba para mantê-la...

Entrevistada: Isso não existe, o que existe é interesses escusos por trás disso aí, por que não existe essa coisa de não ter dinheiro para as escolas, essas entidades culturais são as que menos gasta, isso não existe, o que existe é a falta de vontade política, então é muito mais fácil você colocar as escolas para ser gerenciadas pelas OS, terceirados, do que o político se comprometer com a cultura, isso não é questão de falta de verba, isso não existe, principalmente aqui em Anápolis que é a segunda cidade que mais arrecada no estado de Goiás, isso é falta de competência.

Entrevistador: O que você acha do atual prefeito que deveria incentivar essas questões?

Entrevistada: Olha, o Prefeito Roberto ele é professor e precisava ter esse comprometimento, agora claro que cada pasta tem um diretor, um secretário, mas acredito que ele esteja deixando a desejar, na nossa área da cultura.

Entrevistador: Qual o seu atual cargo?

Entrevistada: Professora de interpretação de teatro na escola de Anápolis.

Entrevistador: Como você descreveria um espaço ideal para trabalhar? As salas de teatro, ou até mesmo as de dança, música?

Entrevistada: Olha, Bruno, eu sempre gostei de trabalhar no teatro, por que existem muitas escolas que eu conheço trabalham no teatro, o espaço cênico é o ideal, eu tive essa oportunidade por muitos anos quando a escola era ali no fundo do teatro, então quando ele estava vazio a gente usava o teatro, então ali nós temos toda a infraestrutura para o aprendizado, onde o médico vai fazer a cirurgia? No centro cirúrgico. O farmacêutico vai onde? No laboratório, e assim por diante. Eu particularmente gosto do teatro por que ali nós temos o palco, a luz, a sonoplastia, a plateia, os camarins, toda a infra para ensinar o aluno e ator já estando no seu local de trabalho, eu gosto de trabalhar no teatro.

Entrevistador: E muda totalmente a visão do aluno, né?

Entrevistada: Sim, inclusive meu sonho é de ter meu próprio teatro, o teatro de bolso, menorzinho, mas que tem a caixa preta, camarim iluminação e tudo, mas cabe até 150 pessoas.

Entrevistador: Desses outros lugares que você já trabalhou, como eram esses ambientes? Eram ideias, básicos ou muito ruins para você passar esse conhecimento?

Entrevistada: Olha, eu nunca tive dificuldade, por que eu uso qualquer espaço para o espaço cênico, comecei fazendo teatro em cima da carroceria de uma caminhão, nós ensaiávamos no Sesc num salão, depois fomos para lugares bons, lugares ruins, mas é questão de adaptar, eu não tenho esse problema, de adaptar as minhas aulas ao espaço, não existe teatro online, o teatro é presencial, por tanto fiquei 2 anos dando aula na online e passando conhecimento, fazíamos o teatro ao vivo, não era teatro, mas era teatro, denominei meu curso de Cárcere Artístico, estou com meu celular e vou fazer dessa sala meu palco e não tive dificuldade, então acho que é uma questão de vivência, tenho muita experiência, já fiz teatro na rua, em todos os lugares, então o espaço cênico é adaptável.

Entrevistador: Então acredito que seja isso. Muito obrigado pela conversa e por tirar as minhas dúvidas.

Entrevistada: Obrigada eu, foi ótimo nosso encontro.